

---

# Crónica de onomástica paleo-hispânica (13)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

## R E S U M O

Damos continuidade à nossa série de comentários sobre onomástica hispânica pré-romana, que saíram publicados em anteriores volumes desta mesma revista. Como é habitual, é a antroponímia ibérica que ocupa a maior parte da nossa atenção.

## A B S T R A C T

The thirteenth part in our series of commentaries on Hispanic pre-Roman onomastics, all published in previous volumes of this same journal, is mostly devoted to Iberian personal names.

**abarilduŕ.** Moedas. Ceca indeterminada. *CNH* 203:1-9.

Recentemente, Eugenio Ramón Luján (2005 [2006], p. 476-477, 2007, p. 53-54) tentou fazer passar por NNL ibéricos determinados NNP, entre os quais **abarilduŕ**, alegando como único motivo a comparência de **ildir**, **ildun** e **ilduŕ** na respectiva composição. Continuamos, no entanto, a crer que este último corresponde a um NP (Gómez-Moreno, 1945, p. 281, 1949, p. 279; Faria, 2004a, p. 275, com bibliografia anterior), apoiando-se esta nossa convicção em dois fortes indícios (mas nenhum deles decisivo):

1. O componente **abar** figura exclusivamente em NNP (Faria, 2000a, p. 121);
2. Ao contrário do que se verifica sistematicamente com as legendas toponímicas presentes nas moedas em caracteres ibéricos levantinos, a legenda agora considerada, excepto num dos divisores (curiosamente, não se conhecem unidades), nunca se localiza no exergo sob os tipos de reverso (Faria, 1994a, p. 37, n.º 6, 2000a, p. 121-122).

Chegámos a veicular a interpretação de **abarilduŕ** como NL por uma única vez (Faria, 2000b, p. 61), no que não podia deixar de ser uma distração da nossa parte, pela qual pedimos desculpas.

**a[-]cidei[-]e.** Bloco de pedra. Cruzy (Ensérune, Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

É de admitir que esta sequência gráfica recubra um NP ibérico. No entanto, por razões óbvias, explicitadas noutras ocasiões (Faria, 2002a, p. 126, 127, 2004a, p. 294, 2005a, p. 168), não existe a mínima hipótese de transformá-la em *\*arcideibase* de modo a isolar na mesma um NP assimilável ao já atestado **argitibas** (Moncunill, 2007, p. 85, 227). Aliás, mesmo aceitando a bondade da resti-

tuição proposta, as incongruências entre ambas as formações — num total de quatro — constituiriam um óbice inultrapassável à dita assimilação. Quando muito, talvez **cidei** corresponda ao segmento que individualizámos nos seguintes NNP: **abarieicide** (F.13.4; Faria, 1990-1991, p. 82, 1993a, p. 156), **abarieicide** (F.6.1; Faria, 1990-1991, p. 82, 1993a, p. 156), **cideibofs** (F.20.1; Faria, 1990-1991, p. 82, 1991a, p. 190), **cidetitor** (G.7.2; Faria, 2002a, p. 128), **eiarcidita[|]s** (Faria, 2002a, p. 128) e **salcidei** (Solier, 1979, p. 82, 84; Faria, 1993a, p. 156, 1994b, p. 68).

ADIMEIS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I<sup>2</sup> 709.

Aos casos de cacografia que têm vindo a ser detectados no Bronze de Ascoli desde a sua descoberta (Criniti, 1970, p. 27), tivemos, há alguns anos, o ensejo de acrescentar ALBENNES, que estaria a ocupar o lugar de AIBENNES (Faria, 1994b, p. 65, 2004b, p. 176). Em contrapartida, nenhuma das reproduções fotográficas de que dispomos nos permite secundar Criniti (1970, p. 20, n. 31, 27) na leitura HIRTVLEL em detrimento de HIRTVLEI, afigurando-se, por outro lado, bastante provável ler LLBENSES onde unanimemente tem sido lido LIBENSES (e.g., Schuchardt, 1909, p. 238).

No que toca a ADIMEIS, não é fácil resistir à tentação de o corrigir para ADIMELS (Schuchardt, 1909, p. 243). Convirá, no entanto, contemplar a hipótese de que ADIMEIS corresponda a *\*adin-beis*, eventualidade que surge reforçada pela individualização de **beis** em **sofi-beis** (F.21.1). Foi esta a perspectiva perfilhada por Luis Silgo (1994, p. 74, 236), ao propugnar **sof-i-beis** como a segmentação apropriada, ainda que, do nosso ponto de vista, a decomposição em **sofi-beis** não possa ser completamente excluída. Não obstante, cumpre-nos reconhecer que é **sof-i-beis** a segmentação que emerge como a mais plausível (*MLH* III 1, p. 222). O ND paleobasco BEISIRISSE (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 315, n.º 473) poderá igualmente conter o segmento onomástico em causa, ainda que concorra contra esta hipótese o facto, até hoje sem paralelo, de tal componente figurar em posição inicial.

De qualquer modo, seja qual for a solução correcta, nenhuma verosimilhança poderá ser reconhecida nem à leitura nem à interpretação aventadas por F. Beltrán Lloris (2006, p. 74) para o NP em causa: “*Adimes* (derivado de *adin-beles* > *adimeles* > *adimes*)”.

**adintabés**. Rocha Gassiot 1 (Osséja, Alta Cerdanha). Campmajó e Untermann, 1993, p. 514-515.

A nossa anterior análise do presente NP (Faria, 2000a, p. 122) alicerçava-se, como bem sabe Moncunill (2007, p. 329), numa leitura equivocada do quarto signo, que veio a ser corrigida na sequência do basilar estudo realizado por Joan Ferrer (2005 [2006], *passim*). Não faz, pois, qualquer sentido afirmar que continuamos a defender uma composição trimembre de **adintabés** (Moncunill, 2007, p. 329). O mais provável é que **tabés** derive de **beés** por prefixação, sendo razoável supor que os segundos componentes do NP **artabif**/**urtabif** (Faria, 2002b, p. 238, 2004a, p. 308, 2004b, p. 184, 2007, p. 225) e de *\*Bilistages*/*\*Bilistagis* < *\*belestages*/*\*belestagis* (Faria, 2005b, p. 274-275) testemunhem a ocorrência do mesmo prefixo. Em contrapartida, estando demonstrada, em vários casos, a passagem para o nome dos filhos de um dos componentes do patronímico bitemático (Albertos, 1966, p. 260), não será tarefa fácil, a partir da comparação com **tabés**, legitimar a segmentação de TEITABAS (TContr) em TEI-TABAS, ao conformar este último o nome (indeclinado) do pai de TVRIBAS (*MLH* III 1, p. 215).

Moncunill (2007, p. 329) encara a possibilidade de **adintabés** se segmentar em **adin** e **beés**, formantes que estariam ligados pelo suposto infix **-ta-**. Independentemente do acerto de tal interpretação, talvez não tivesse sido despropositado citar que identificou o componente antroponímico

**beś** (Silgo, 1994, p. 80; Faria, 1994b, p. 68, 1995a, p. 327, 328), precisamente nos NNP que a investigadora em questão se lembrou de invocar.

**aidiceldungi**. Placa de chumbo (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2, G.15.1.

**aid(u)-iCe-(i)ldun** é a segmentação que nos coube defender ao longo de uma década para **aidi-Celdun** (Faria, 1990-1991, p. 77, 82, 1991a, p. 188, 2000a, p. 125, 2000b, p. 62). Recentemente (Faria, 2002a, p. 123, 124, 130, 2004a, p. 275-276), encarámos a eventualidade de o sufixo **-gi** integrar o NP em análise. Untermann (*MLH* III 1, p. 213, 237, *MLH* III 2, p. 104) não chegou sequer a admitir como hipótese que **-gi** pertencesse ao NP em discussão, mas cremos ser esta a solução adequada.

Na onomástica ibérica, terminam com o sufixo **-gi** ACIRGI (Hübner, 1899, 497, Faria, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123, 2003a, p. 313), *\*Aiungi* (Faria, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123), *\*Aurgi* (Faria, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123), **auruningi** (C.10.1; Faria, 2002a, p. 123), **biscargi** (Faria, 1996a, p. 177, 1998b, p. 230, 1999a, p. 153, 1999b, p. 277, 2000a, p. 126, 2002a, p. 123, 129, 2004b, p. 186) (caso não se trate da contracção haplológica de *\*biscar-(ar)gi*: Faria, 2000a, p. 126) e *Oningi* (Plin., *nat.* 3.12)/*\*Onigi* (*CIL* II<sup>2</sup>/5, 930, 1184) (Tovar, 1974, p. 126). Este NL, a dar crédito à forma transmitida por Plínio, poderá ter tido origem em *\*Vningi* ou em *\*Auningi* (Faria, 2002a, p. 123, 2003a, p. 326). No entanto, tanto a documentação epigráfica latina (Correa, 2002, p. 705, 2005 [2006], p. 151) como a ibérica (Faria, 2004b, p. 181) deixam entrever *\*Onigi* como forma primitiva do NL.

Da leitura da recente abordagem ensaiada por Eugenio Luján (2007, p. 75-76) ao sufixo que ele designa por **-ki** (presumivelmente fundindo dois sufixos num só) — apenas uma pequena parte de um trabalho maculado por omissões bibliográficas indiciadoras de uma atitude “discriminante” (Abad, 1998/2005) —, não conseguimos extrair quaisquer ensinamentos, pelo que julgamos preferível prescindir da mesma na sua totalidade. Além das lacunas na bibliografia, abundam as inexactidões, que resultam sobretudo do crédito ilegitimamente concedido por Luján a fontes conhecidas por transmitirem numerosos NNL afectados por graves e, não raras vezes, insanáveis deturpações, tais como a “Ibérica” de Apiano, a “Geografia” de Ptolemeu, o “Itinerário de Antonino” ou o “Anónimo de Ravena”.

Retomemos, porém, a análise de **aidiceldungi**. Javier Velaza (2007, p. 275), além de fazer tábua rasa da maior parte dos nossos contributos sobre a epigrafia ibérica meridional, tentou complicar ainda mais a já de si problemática transliteração do chumbo G.15.1, lendo, a título hipotético, **aiti-keltunte** onde está **aidiceldungi**. Trata-se de uma transliteração insustentável, porquanto, no mesmo documento, figura <te/de>, em **oderoceta** (G.15.1) (Faria, 1991a, p. 195, 2004a, p. 289), onde Velaza (2007, p. 276) gostaria que estivesse **otifoketa**. Tão-pouco acertou Velaza (2007, p. 277) em nos imputar uma transliteração errónea de uma das lâminas de chumbo de El Amarejo, sendo que a nossa leitura do último vocábulo (e último NP) nela gravado corresponde a **śalbiriaf** (Faria, 1990-1991, p. 77, 80, 87, 1992-1993, p. 278, 2000a, p. 138), e não a **śalbiriuur**.

**aidutigef**. Placa de chumbo. Ampúrias (La Escala, Gerona). Sanmartí Grego, 1988, p. 103.

Não é de agora que vimos preconizando ser esta, e não **abadutigef** (Sanmartí Grego, 1988, p. 103), a transliteração correcta do NP em questão (Faria, 1990-1991, p. 82, 1994b, p. 68, 1998b, p. 230, 2001a, p. 96, 2004a, p. 276, 277). Andou mal, pois, Noemí Moncunill (2007, p. 73, 306) ao outorgar a outros a autoria de uma transliteração que não lhes corresponde.

**arsbigisdeegiaf**. Moedas. **arśe** (Sagunto, Valência). *CNH* 304:2, 5.

Num percurso trilhado sem quaisquer tergiversações, que Moncunill (2007, p. 87, 225, 300) não se mostrou capaz de relatar na sua tese de doutoramento, temos vindo desde 1994 (Faria,

1994a, p. 40, n.º 53, 1994b, p. 66, 1994c, p. 123, 1995b, p. 80, 1996a, p. 153, 1998c, p. 246, 2000a, p. 127-128, 2001a, p. 96-97, 2003b, p. 213, 2004a, p. 278, 2007, p. 210-211) a sustentar ser esta, e não qualquer outra, a transliteração da mais polémica legenda monetária de **ar̄se**, nunca hesitando em individualizar na mesma o NP ibérico **arsbigis**. Aliás, não é de agora que vimos defendendo que o sufixo **-cu** jamais ocorreu imediatamente antes de **egiaf** (Faria, 1994a, p. 40, n.º 53, 1995b, p. 80, 1998a, p. 238, 2000a, p. 127-128, 2001a, p. 97), tendo este nosso parecer sido silenciado por Moncunill (2007, p. 225).

Elidindo toda a bibliografia anterior, M.<sup>a</sup> P. García-Bellido (2006, p. 298), além de ter transliterado do mesmo modo dois signos de vibrante distintos, deixou ainda em aberto, tal como sucedeu noutras ocasiões (García-Bellido, 1990, p. 72-73, 1993, p. 325-326), a eventualidade de tal legenda conter o NL **ar̄se**, interpretação que mereceu o apoio incondicional quer de Rodríguez Ramos (2004, p. 276), que a considerou satisfatória, quer de Luján (2007, p. 62). Ao confessar, com inusitado lacerismo, a sua ignorância a respeito do significado — para nós suficientemente claro — a atribuir a **arsbigisdeegiaf** (García-Bellido, 2006, p. 298), a supracitada investigadora revela quão afastada se encontra do tempo em que colocava em evidência a analogia entre **arsakiskuekiar**, transliteração que viemos a provar estar errada, e **liCinede egiaf usecerdecu**, leitura da famosa inscrição pertencente ao mosaico de La Caridad (Caminreal, Teruel) (García-Bellido, 1990, p. 72-73, 1993, p. 326). Ficamos, por conseguinte, sem conhecer as razões subjacentes à resistência manifestada pela professora García-Bellido em, *mutatis mutandis*, traduzir **arsbigisdeegiaf** do mesmo modo que traduziu **liCinede egiaf usecerdecu**: “Licine de Osicerda hizo”/“Obra de Licine de Osicerda” (García-Bellido, 1993, p. 326). Uma terceira hipótese, tributária da interpretação do sufixo **-de** como marca de dativo — “Para Licine de Osicerda se hizo” —, perde grande parte da sua viabilidade quando aplicada à inscrição, também musiva, de *Andelo* (Muruzábal de Andión, Mendigorria, Navarra), que volta a documentar o NP **liCine**. Por outro lado, mal se compreenderia que a legenda monetária que nos vem ocupando identificasse **arsbigis** como destinatário da cunhagem.

Também E. R. Luján (2007, p. 61-62) consagrou não poucas linhas ao NP em questão, nas quais, à mistura com graves deficiências metodológicas, conseguiu eximir-se de mencionar ao menos um dos onze trabalhos da nossa autoria, referidos no início da presente entrada. O linguista em questão chegou ao cúmulo de engendrar uma assombrosa segmentação *ad hoc* da legenda monetária **šaitabigitařban** (Ripollès, 2001, p. 167, 169) — **šait-(a)bi-gi-tař-ban** — com o intuito de legitimar uma absurda interpretação toponímica do primeiro componente de **arsbigis**, quando é evidente que **šaitabigitařban** remete para o NL **šaitabi** (Faria, 2002a, p. 134, 2004a, p. 295, 2006, p. 125, 2007, p. 225), e não para **šait**, que não tem qualquer correspondência na documentação conhecida; isto mesmo veio, algumas páginas depois, a ser tacitamente reconhecido pelo próprio Luján (2007, p. 76, 77), que, mais uma vez, evidenciou grande parcimónia na utilização da bibliografia, numa atitude que vimos dezenas de vezes repetida em quase 40 páginas. De facto, perdemos a conta às ocasiões em que, ao omitir grande parte dos estudos atinentes à matéria em análise, o professor Luján Martínez se fez (inadvertidamente?) passar por descobridor do que outros souberam ver antes dele. Não é, porém, o caso da descoberta de emissões monetárias possuidoras da legenda LIBERALITAS IVL(*ia*), que se deve por inteiro às suas pesquisas (Luján, 2007, p. 66). Em contrapartida, teria sido interessante saber onde foi o mesmo linguista buscar a informação relativa ao uso do genitivo nas legendas monetárias de *Ebora*; em todo o caso, na bibliografia a que recorreu, não terá dado com a única tentativa de explicação que foi fornecida para o seu emprego (Faria, 1999c, p. 33).

Prestados estes esclarecimentos de natureza historiográfica, resta-nos referir que o ND ARSILVNNO (dat.) (Bourdoncle et al., 2006, p. 178-179) < \**arsildun* poderá ser acrescentado aos

casos que testemunham a presença do elemento onomástico **ars**. À luz das considerações expendidas por Gorrochategui (1984, p. 310) a propósito do ND ASTOILVNNO (dat.), tendentes a salientar, com base em diversos exemplos, a pertinência da motivação zoonímica na formação de teónimos paleobascos, a tradução proporcionada por Luis Silgo (1988, p. 759, 1994, p. 46, 2000, p. 507) para **ars** – ‘urso’ –, fundada numa correspondência deste lexema com HARS, por sua vez tido por antecessor do basco (*h*)*artz* (Michelena, 1954/1985, p. 429, 1997<sup>5</sup>, p. 59, n.º 99), ganha um novo fulgor.

**ařscotar**. Placa de chumbo. Castellet de Bernabé (Liria, Valência). Guérin e Silgo, 1996, p. 204.

Depois de ter sido incorrectamente transliterado como **ařscobor** desde a *editio princeps*, coube a Joan Ferrer (2005 [2006], p. 966) apresentar a transliteração agora perfilhada. Não se nos afigura, por conseguinte, correcto declarar que “[p]er Faria, nom personal trimembre” (Moncunill, 2007, p. 88), porquanto jamais nos pronunciámos sobre o NP devidamente transliterado, mas apenas sobre **ařscobor**, que agora sabemos nunca ter existido. Além do mais, Moncunill esqueceu-se de assinalar que, em várias ocasiões, formulámos a hipótese de estarmos na presença de um NP bimembre: **ařs-cobor** (Faria, 1997, p. 106, 2002a, p. 135, 2005a, p. 165).

Enquanto **ařs** se repete nos NNL **ařsgoro** (F.11.25) e **ařsdaildir** (Silgo e Tolosa, 2000, p. 41), bem como no NL **ařse** e nos sintagmas que o contêm, **cotar** poderá corresponder a um componente onomástico autónomo ou ser divisível em dois segmentos, **co** (talvez um afixo) e **tar**. Não obstante a ausência de dados que comprovem sem margem para dúvidas qualquer das alternativas aqui expostas, cremos que a comparação de **ařscotar** com **abařscutař** (antes lido como **abařscubof**: Solier, 1979, p. 86; Faria, 1994b, p. 66, 1997, p. 106), *Arzco* (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 115, n.º 374), HALSCOTARRIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 213-214, n.º 197) e **talscubilos** (Faria, 2002a, p. 128, 135, 2003b, p. 215, 2006, p. 116) reforça as probabilidades de o NP em estudo constituir um composto trimembre.

**ařsdaildir**. Disco de chumbo. Camp de Morvedre (Sagunto, Valência). Silgo e Tolosa, 2000, p. 41.

A elaboração desta entrada serve de pretexto para exararmos alguns comentários ao vocabulário constante do texto em causa. Antes de mais, aqui fica a nossa leitura, que se apoia exclusivamente nas fotografias publicadas por Silgo e Tolosa:

Face A: **bařdaige # ařsdaildir # baidibota+ ř**

Face B: **eteYildir # baies # atařber**

Independentemente das diversas transliterações sugeridas para o quarto grafema constante de **ařsdaildir**, é nossa convicção que estamos ante um NP trimembre (Faria, 2005a, p. 165; *contra*, Orduña (2003 [2004], p. 137-139 e n. 6).

Passando à análise da inscrição gravada na face B, cremos que tanto **eteYildir** (Faria, 2005a, p. 168-169: **edeYildir**) como **atařber**, a segmentar em **atař-ber**, admitem também ser interpretados como NNP. Vigorando neste documento a notação dual das oclusivas, há que excluir qualquer relacionamento entre **eteYildir** e toda a onomástica ibérica que documenta o segmento **ede**, incluindo naturalmente o NL EDETA (abl.)/Ἠδέτα < EDETANI < \**ede* (*contra*, Orduña (2003 [2004], p. 138-139; Faria, 2005a, p. 168-169; Luján, 2007, p. 53). Tão-pouco **ede** poderá ser isolado em **eteřur/eteřcer** (Correa, 1992, p. 283).

**bacaścetar**. Marca de *dolium*. Can Feu (Sant Quirze del Vallès, Barcelona). Panosa, 2001, p. 524-526.

Já nos foi dado observar (Faria, 2002a, p. 123) que o componente inicial deste NP ibérico, além de figurar em **bacaścetei** (Correa, 1992, p. 276), constitui a base do NL *Bac(c)asi(s)* < \**bacaś*, testemunhado em Ptolemeu (*Geog.* 2.6.71) e na epigrafia ampuritana (*CIL* II 4625; *IRC* III 50) (Tovar, 1989, p. 445; *TIR*, K/J-31, p. 39).

Seria interessante apurar qual o número mínimo de paralelos requerido por Noemí Moncunill (2007, p. 339) com vista a reconhecer a **bacaś** a qualidade de elemento onomástico ibérico, sendo certo que os três casos acima aduzidos se afiguram insuficientes.

Tal como García Alonso (2003, p. 417), também Gorrochategui (2000, p. 147) mostrou desconhecer a documentação indígena ao ter-se baseado em Ptolemeu para prescrever uma segmentação em Βακα-σίς, quando é evidente que estamos perante a acomodação à morfologia casual latina (ainda que em escrita grega) do NL \**Bacasi* < \**bacaś-i* (Faria, 2002a, p. 123).

Conquanto o segundo segmento do NP aqui tratado não ocorra em mais nenhum documento, são evidentes as afinidades que o mesmo mantém com **cetai**, que agora julgamos fazer parte de **sofseidercetai** (C.1.8), NP que até hoje tínhamos por bimembre (Faria, 1992a, p. 192, 1993a, p. 156, 1994b, p. 68, 1995a, p. 327, 1998a, p. 237, 2004a, p. 299, 2004b, p. 185, 2005a, p. 171).

BAGARENSIS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I<sup>2</sup> 709.

Desde há alguns anos (Faria, 2004b, p. 177, 2005c, p. 630) que temos vindo a advogar a individualização do NL **bagar** > \**Bagara*/\**Bagaro*, a partir do qual derivou o presente NE, na legenda monetária **bagarTaCi** (Villaronga, 1998, p. 125, n.º 303), constituindo a sequência **TaCi** um sufixo (ou complexo de sufixos) de significado desconhecido, que parece igualmente ocorrer em **JaTaCi** (Villaronga, 1998, p. 133, n.º 460: RKOS...) e em **JaTaCio** (Villaronga, 1998, p. 134, n.º 483) (v., no entanto, *infra*, s.u. QLSAILACOS). Talvez **TaCi** se relacione (ou se identifique) com **tagiaf**, vocábulo que surge em marcas de oleiro na sequência de NNP (Ferrer, 2005 [2006], p. 963).

Andou mal, pois, Noemí Moncunill (2007, p. 101) ao outorgar a outros ou a si própria a responsabilidade pela individualização de um NL na presente legenda monetária, não fazendo, além do mais, como é óbvio, qualquer sentido transformar **sigara** em **sikar** e, acto contínuo, sugerir que **bagarTaCi** e **sigar** identificam um só NL (Moncunill, 2007, p. 283). Aliás, Moncunill (2007, p. 355) chega ao ponto de equacionar a hipótese de **bagarTaCi** e **biscargi** (Faria, 1996a, p. 177, 1998b, p. 230, 1999a, p. 153, 1999b, p. 277, 2000a, p. 126, 2002a, p. 123, 129, 2004b, p. 186) corresponderem a um mesmo NL.

BAILO. Moedas. *Bailo* (Bolonía, Cádiz). *CNH* 124:1-6.

A remissão deste NL latinizado para ib. \**bai-(i)ldun* foi por nós proposta há vários anos (Faria, 2000b, p. 61) num artigo que foi duas vezes omitido por Santiago Pérez (2005, p. 196, 2006 [2007], p. 196).

**belencu**. Rocha Rendu (Osséja, Alta Cerdanha). Campmajó e Untermann, 1993, p. 508-509.

Trata-se de um NP ibérico decomponível em **belen-cu** (Faria, 1993a, p. 154, 1998a, p. 235, 2000a, p. 129, 2000b, p. 62-63, 2002a, p. 135, Silgo, 1994, p. 76, 2000, p. 506), ocorrendo este sufixo hipocorístico igualmente em **neselducu** (Faria, 1994a, p. 49, n.º 261; 1995b, p. 83-84, 2000b, p. 63). O formante **belen** está documentado em BELENNES (TSall) (Faria, 1993a, p. 154, 1998a, p. 235, 2000a, p. 129, 2000b, p. 62-63, 2002a, p. 135; Silgo, 1994, p. 76, 2000, p. 506) e no NE *Belendi*, recolhido por Plínio (*nat.* 108), que Caro (1945, p. 104, n. 14) reputava ser céltico.

Em conformidade com a hipótese lançada por Silgo (1994, p. 76), que se nos afigura bastante verossímil (Faria, 2002a, p. 135), o NP medieval *Mendo* terá derivado de *Belendo* > *Melendo* > *Menendo* > *Meendo*.

Considerámos ser útil retomar o tratamento deste NP, já que a abordagem ao mesmo ensaiada por Moncunill (2007, p. 130) nos pareceu, do ponto de vista historiográfico, algo imprecisa.

**beleśur**. Moedas. Ceca indeterminada. Villaronga, *CNH* 50:89, 1998, p. 130, n.º 413.

Trata-se naturalmente de um NP ibérico, a segmentar em *\*beles-sur* (Faria, 1996a, p. 177, 1999b, p. 277, 2007, p. 214), cuja existência foi ignorada por Moncunill (2007). Esta autora limitou-se a apresentar **+laś+a** como transliteração (errónea) de **[be]leśur** (Moncunill, 2007, p. 386).

Recorde-se que **sur** é um elemento onomástico que também se encontra representado em **bafsur** (D.5.1; Faria, 1994b, p. 68, 1999a, p. 154, 2007, p. 214) e em **lorsur** (Solier, 1979, p. 83; Faria, 1994b, p. 68, 1999a, p. 154, 2007, p. 214).

**belse**. Moedas. **belse**. *CNH* 42:41a, 44:54, 52:105.

Não foram poucas as vezes em que ponderámos a eventualidade de este NL estar na origem do NE *ILLVERSENSIS*, atestado quer no chamado Bronze de Ascoli — apesar de ter sido achado na cidade de Roma (*contra*, Gorrochategui, 2006, p. 118, n. 16) —, quer em Plínio (*nat.* 3.24) (*Ilursenses*) (Faria, 1995a, p. 324-325, 1998b, p. 230, 1999a, p. 155, 2003b, p. 217, 2006, p. 120). Esta nossa hipótese, que, passada mais de uma década desde a sua formulação, ainda não vimos ser refutada (Silgo, 1998-1999, p. 21; Pérez Almoguera, 2001, p. 36), foi completamente silenciada por Noemí Moncunill (2007, p. 130).

Reportando-nos ainda à mesma ceca, a possibilidade de a legenda do reverso de *CNH* 42:41A se ler **belsecuYi** em lugar de **belsecuai**, por nós aventada (Faria, 2004b, p. 177-178), não foi levada em consideração nem por Eugenio R. Luján (2007, p. 74) nem por Noemí Moncunill (2007, p. 130-131, 225), que não hesitaram em transmitir a transliteração tradicional.

Temos vindo a afirmar, desde o início da presente década (Faria, 2001a, p. 99), que **-cu**, equivalente ao sufixo basco *-ko*, indicador de pertença ou proveniência, além de ocorrer em **belsecuYi** (legenda que, naquela ocasião, ainda transliterávamos como **belsecuai**), figura também em **usecer-decu** e em **ces[e]cu** (Faria, 2001a, p. 99, 2002b, p. 234, 2003b, p. 219, 2004b, p. 177-178), não sendo tão-pouco de descartar (afirmamo-lo agora) a sua comparência em **ildirdacu**, se atentarmos nas fotos de algumas dracmas, disponibilizadas por Villaronga (1998, p. 215, n.ºs 196, 208, 209, 210 e 211). Tanto Luján (2007, p. 74-75) como Moncunill (2007, p. 131, 225) optaram por fazer tábua rasa de tudo o que escrevemos sobre o assunto.

De resto, escaparam à atenção de Moncunill (2007) alguns lexemas que foram inicialmente publicados entre 1991 e 2006. Além dos que decidimos recuperar neste artigo, poderemos listar os seguintes:

**bete[r?]a** (*CNH* 50:91) (presumível NL, correspondente a uma ceca de localização indeterminada); **biscargi** (Villaronga, 1998, p. 135, n.ºs 491-492; Faria, 1996a, p. 177, 1998b, p. 230, 1999a, p. 153, 1999b, p. 277, 2000a, p. 126, 2002a, p. 123, 129, 2004b, p. 186); **caresi[?]** (Pérez Rojas, 1993, p. 164-165; Faria, 1997, p. 107, 2004a, p. 285); **ces[e]cu** (García Garrido e Montañés, 1989, p. 48-49; *CNH* 78:13; Faria, 2001a, p. 99, 2004b, p. 178; Villaronga, 2004, p. 111); **cesesalif** (Hernández Canut, 2000; Faria, 2001a, p. 99; Villaronga, 2004, p. 111, 112, n.º 317); **Cobeśif** (Pérez Rojas, 1993, p. 164-165; Faria, 1997, p. 107, 2000a, p. 122, 2003b, p. 215, 2004a, p. 305, 2006, p. 116); **eguan** (Pérez Rojas, 1993, p. 164-165; Faria, 1997, p. 107, 2004a, p. 283, 2005a, p. 166); **eteścal** (Almagro Gorbea, 2003, p. 164, n.º 58A); **isárlicar** (García Garrido e Lalana, 1991-1993, p. 106; Faria, 1995b, p. 82-83, 2003b, p. 223, 2004a, p. 307, 2004b, p. 178-179, 2007, p. 221); **ocanaca** (Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 4, n.ºs 3 e 4; Faria, 1996b, p. 229, 1999a, p. 156, 2003a, p. 325, 2003b, p. 224); **ordinildir** (Villaronga, 1998, p. 126, n.º 310, 130, n.º 411; Faria, 1996a, p. 177,

1999b, p. 277); **sírbaiseí** (Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 148-149; Faria, 1990-1991, p. 88, 1991a, p. 190, 1994b, p. 70, 2002a, p. 136, 2004a, p. 293); **titelicoí** (Villaronga, 1998, p. 130, n.º 407; Faria, 1999b, p. 277); **tuíadin** (Almagro Gorbea, 2003, p. 214-215, n.º 107).

Importa acrescentar que **ces[e]cu**, **ocanaca** e **sírbaiseí** tão-pouco figuram nos léxicos de Velaza (1991) e de Silgo (1994).

Ainda no tocante ao nome da ceca em apreço, falta-nos referir que, assim como o NP com que se inicia a legenda monetária das dracmas do tipo *CNH 52:108* configura uma versão deformada de **oloóordin**, também **betase**, o suposto NL que lhe sucede, não passa de uma clara deturpação de **belse** (Faria, 1995a, p. 325, 1998b, p. 229). Deste modo, contrariando a pretensão manifestada por Javier de Hoz (1995, p. 321) e agora renovada por Luján (2007, p. 51) e Moncunill (2007, p. 135), a identificação de uma nova cidade-ceca de nome *\*Betase* ou *\*Betasa* carece de qualquer consistência.

**Calisocum**. Placa de bronze. Cabezo de las Minas (Botorrita, Saragoça). *MLHV* 1, p. 152.

Na crónica precedente, havíamos expressado a nossa convicção (Faria, 2007, p. 212) de que a origem do NF **Calisocum** devia ser procurada no NP que, na Idade Média, surge documentado como *Galisso* e *Calisso* (Salaberri, 2000, p. 130-131), devendo-se, neste último caso, a notação da oclusiva inicial como surda a uma moda arcaizante (Gorrochategui, 2002, p. 117-118).

Naquela altura, tinha-nos passado despercebida a presença deste mesmo NP numa inscrição aquitana sob a forma *CALIXSONIS* (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 181, n.º 126), que poderá atestar uma fase anterior à sonorização basca da velar surda inicial, caso não se trate de uma alternância gráfica <G->/<C->, fenómeno relativamente comum na epigrafia latina (Gorrochategui, 1984, p. 374-375). Seja como for, o recurso a presumíveis paralelos não resolve a questão: **ordincali(bi)** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 508-509) vs. **galíí # ige** (Solier e Barbouteau, 1988, p. 82).

Tão-pouco chegámos a tomar conhecimento de que *Galisso* figurava no NL, também medieval, *Villagalisso*, precursor do actual *Villagalijo*, que conta, de resto, com numerosas variantes gráfico-fonéticas (Gómez Villar, 2003, p. 177 e n. 50; Peterson, 2005, p. 124-125, n. 216, 155, 159, 270).

**careóor**. Placa de chumbo. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Solier e Barbouteau, 1988, p. 77.

Uma vez que tanto Luis Silgo (2007, p. 152) como Noemí Moncunill (2007, p. 176) se esqueceram de o mencionar, convirá ter presente que a identificação de **careóor** como NP ibérico, segmentável em *\*cares-óor*, já vem de longe (Faria, 1990-1991, p. 86, 1991a, p. 190, 1992a, p. 195, 1994b, p. 67, 70, 1997, p. 107, 2000a, p. 130, 2001a, p. 96, 99, 2002b, p. 237, 2004a, p. 286).

**caresban** (F.13.5) é outro dos NNP em que identificámos o elemento onomástico **cares**, aqui acompanhado por o componente **ban**, que também isolámos noutros NNP (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991a, p. 190, 1992a, p. 195, 1994b, p. 66, 70, 1995a, p. 326, 2000a, p. 130). A autoria da identificação do elemento onomástico **ban** foi-nos devidamente reconhecida por Comas, Padrós e Velaza (2001, p. 297): “[e]l primero en sospechar la existencia de un elemento antroponímico **ban** fue Faria (...)”, mas Noemí Moncunill (2007, p. 51, 104, 115, 176) entendeu silenciar por completo uma tal atribuição.

De resto, não podemos deixar de considerar falaciosa a justificação fornecida por Noemí Moncunill (2007, p. 50) para o facto de Jürgen Untermann ter excluído do seu imprescindível repertório (*MLH* III 1, p. 207-238) algumas dezenas de elementos onomásticos. Alegadamente, todos eles só terão sido dados a conhecer em inscrições ibéricas publicadas depois de redigido o supracitado repertório. Ora, basta uma rápida leitura dos nossos trabalhos atinentes à onomástica

ibérica vindos a lume entre 1991 e 1997 para se poder concluir que tal explicação está muito longe de corresponder à verdade. Com efeito, quase todos os 41 componentes antroponímicos que foram recolhidos por Moncunill (2007, p. 51-54) por se encontrarem supostamente inéditos até 1990 já constavam — tal como tivemos ocasião de sublinhar em diversas ocasiões — de inscrições editadas muito antes daquele ano.

Moncunill admite que, até ao final de 2006, eram conhecidos 182 elementos antroponímicos ibéricos, ficando-se Antonio Tolosa (2007, p. 160) por “más de un centenar”; contudo, mesmo após as eliminações decorrentes das novas leituras introduzidas por Joan Ferrer (2005 [2006]), cremos que o respectivo total ultrapassará as duas centenas e meia.

**catuecaś.** Estela de calcário. El Pozo (Sinarcas, Requena-Utiel, Valência). *MLH* III 2 F.14.1.

Não podemos aceitar que Javier Velaza (2006a [2007a], p. 275) ou Noemí Moncunill (2007, p. 52, 210, 211) passem por ser os autores da identificação de **catu-ecaś** como NP ibérico, segmentável em **catu-ecaś** (Faria, 1995b, p. 83, 1998d, p. 269, 2003a, p. 317, 2004a, p. 282, 2004b, p. 178).

**CefeCes.** Placa de xisto. Ampúrias (La Escala, Gerona). Aquilué e Velaza, 2001, p. 281-282; *HEp* 11, 264.

E. R. Luján (*ad HEp* 11, 264) apresenta **]la CefeCes[** como nova leitura da primeira linha da inscrição em análise. No entanto, tal como sugerimos há pouco tempo (Faria, 2007, p. 225), é de admitir em alternativa que a lição adequada seja **]śa CefeCes[**.

Partindo do pressuposto que **CefeCes** configura um NP completo, é possível aduzir como *comparanda* do primeiro componente os seguintes NNP: **ABARCERIVS** < \**abarcere*/\**abarcefe* (Faria, 1995b, p. 79), **adingere** (Solier, 1979, p. 65, 82), **aibeCere** (E.1.288; Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 263), **arsgere** (B.1.31), **augere** (C.1.9), **Βασίγερρος** < \**basigere* (Correa, 1992, p. 266-267; De Hoz, 1993, p. 658), **bilosg[e]re** (G.1.3), **CERECO** (Gorrochategui, 2003 [2004], p. 31) < \**cereco*/\**cefece*, **culeścere** (Solier, 1979, p. 65, 66, 80, 83), **GEREXO** (Gorrochategui, 1984, p. 209, n.º 189), **GERE-XSO** (Gorrochategui, 1984, p. 209, n.º 190), **niśCere/niśCefe** (Untermann, 1996, p. 150), **tośincere** (Untermann, 1991-1993, p. 100) e **urcecere** (F.6.1). Também o NE *Ceretani* é susceptível de documentar **cefe** ou **cere** (Untermann, 1992, p. 31, 1998, p. 81). No seu tristemente célebre “índice crítico”, Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 263) assinala a existência de um **biloskefe** em C.1.9, mas não foi complicado verificar que se trata de uma informação falsa.

Se examinarmos estes exemplos no seu conjunto, é admissível a individualização de dois (Correa, 1992, p. 266-267) ou mesmo três elementos onomásticos distintos: **cere**, **gere** e **cefe**. Em face dos dados anteriormente arrolados, não conseguimos lobrigar quais as razões que justificam o exagerado cepticismo revelado por García Alonso (2006 [2007], p. 109) ao confessar que “[n]o conocemos [...] la adscripción lingüística de este nombre [*Cer(r)etani*]”.

No que toca ao elemento **Ces**, caso a oclusiva inicial esteja por /k/, talvez se possa reconhecê-lo na raiz do NL **cese** (Faria, 2002a, p. 132, 2003b, p. 215).

Outra interpretação que não deve ser liminarmente descartada consiste em fazer corresponder **CefeCes** ao NE *Cer(r)etani*, correspondência que teria como ponto de partida uma das seguintes segmentações: **cefe-Ce-s** ou **cefe-C-(e)s**. A ser assim, estaríamos perante a inversão na sequência dos sufixos pluralizador e de pertença (ou proveniência), tal como vem sendo fixada para os NE em gen. pl. (Faria, 2003a, p. 319, com recolha da literatura anterior). Vale a pena aduzir em abono desta hipótese a comparência na mesma inscrição do NE **auśes** (= *Ausetanus*) (Faria, 2002b, p. 234; De Hoz, 2002a, p. 163-164), aplicável a um habitante de uma cidade confinante com os *Cer(r)etani*, não sendo decerto casual a alusão de Avieno (*O.M.* 550) aos *Ausoceretes*. Uma interpretação etnoní-

mica não seria, tão-pouco, despropositada se fosse contemplada a transliteração **lacefeCes** (Aquilué e Velaza, 2001, p. 281-282), susceptível de se relacionar com os Lacetanos, atendendo ao facto de estes últimos terem sido vizinhos dos Ausetanos.

**culeśbai**. Estela de grés. Les Ermites (Benlloch/Bell-lloch, Plana Alta, Castellón de la Plana). Arasa, 2001, p. 142.

Nada tendo a alterar às apreciações vertidas sobre **culeśbai** na crónica anterior (Faria, 2007, p. 215), resta-nos acrescentar que já Javier Velaza (1996, p. 324), vários anos antes de Untermann (2005, p. 1139), havia optado, a nosso ver erroneamente, por transliterar e completar o presente NP como **[be]leśbai[seř]**, no que foi há pouco seguido por Noemí Moncunill (2007, p. 126).

EDETA. Estela de calcário. Jérica (Castellón, Valência). Corell, 2005, p. 61-63, n.º 19.

Desde 1993 que vimos sustentando ter sido o NL EDETA (abl.)/\***Ηδετα** (Ptol. *Geog.* 2.6.62) criado regressivamente a partir do NE EDETANI < \**ede*, tendo passado por idêntico processo, entre outros NNL, ORETVM/ORETANIA < ORETANI < **ore** e TOLETVM < TOLETANI < TOLE (Jacob, 1986, p. 277, *passim*; Faria, 1987, p. 25-26, 1988, p. 7-8, 1993b, p. 131, 1993c, p. 143, 1995c, p. 94, 1998c, p. 246, 1998e, p. 258, 2001b, p. 214, 2003a, p. 326, 2003b, p. 220, 2005a, p. 169, 2005b, p. 275-276, 2005c, p. 632). Nenhum destes textos chegou a ser referido por García Alonso (2006 [2007]), p. 104, 108).

Ελερυαζ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Depois de defendermos reiterada e resolutamente, durante mais de dez anos, que, por um lado, Βλερυαζ devia dar lugar a Ελερυαζ, e, por outro, que este NP ibérico já era conhecido em escrita levantina, sob a forma **elerbaś**, num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (B.9.1; Faria, 1994b, p. 69, 1998a, p. 234, 1998b, p. 230, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63, 2001a, p. 99-100, 2003a, p. 323, 2004a, p. 292, 2006, p. 118), Javier Velaza (2007, p. 275-278) decidiu dar-nos razão, mas, mais uma vez, silenciou toda a bibliografia precedente. Tão-pouco Velaza (2007, p. 278) parecer ter hesitado em omitir quem, desde 1994, muito antes dele, tem vindo a identificar como ibéricos todos os nomes das testemunhas indicadas no texto em apreço.

Não deixa de ser curioso notar que Moncunill (2007, p. 159) se tenha lembrado de invocar **elerbaś** como *comparandum* de **eler** (Faria, 2004b, p. 183), sem aduzir ao mesmo tempo o NP objecto da presente entrada.

**ibuścetin**. Cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.270, .271.

Entre os nomes próprios bascos cujas origens pudemos detectar na onomástica ibérica (Faria, 2006, p. 119-120), devemos salientar, pelas dimensões da área que o mesmo designa, o corónimo *Gipuzkoa/Guiپúzcoa* < *ipuscoa*, atestado pela primeira vez em 980 (Orpustan, 1999, p. 100, 326), ocorrendo a respectiva base onomástica no componente inicial do NP ibérico ora lematizado. A prótese de oclusiva sonora — ou a velarização consonântica, na definição de J. A. Saura (2001, p. 310-312) — que se detecta no corónimo a partir do século X conta com diversos paralelos no âmbito (ou por influxo) da língua basca (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 253; Orpustan, 1999, p. 100; Irigoyen, 1999, p. 213-215; Saura, 2001, p. 310-312; Iglesias, 2002, p. 134; Martín de las Puebas, 2005, p. 160-161).

A associação aqui reiterada vem dar inteira razão a Julio Caro (1945, p. 225), que fazia derivar o corónimo *Guiپúzcoa* (e variantes) de um NP: ««Guiپuzcoa» es lo de «Ipus», «Ipuz», «Guiپuz»».

Sobre o segundo membro do composto **ibušcetin**, valerá a pena referir que o mesmo foi por nós identificado em vários NNP (Faria, 1995a, p. 327, 2004a, p. 282, 297, 305, 307, 2004b, p. 182, 2005b, p. 279, 2006, p. 119), tendo este facto sido omitido por Moncunill (2007, p. 382). Aliás, esta autora veicula uma transliteração equivocada do NP que nos ocupa, transformando **ibušcetin** em **ikušketin**.

**ig(a)le(n)scen**. Moedas. \**Igale* (localização indeterminada). CNH 324:1-26.

A forte probabilidade de \**Igale* (Faria, 2005b, p. 281) constituir o NL subjacente a **ig(a)le(n)scen** (gen. pl.) (Faria, 1995a, p. 325, 2003a, p. 313-314, 2005a, p. 164, 2005b, p. 280, 281, De Hoz, 2002b, p. 213), NE que, por sua vez, deve corresponder aos Ἰγλήτες (Strab. *Geogr.* 3.4.19) (Gómez-Moreno, 1934, p. 189, 1949, p. 185; Beltrán Villagrasa, 1954, p. 24; Faria, 1991b, p. 15, 1992b, p. 45, 2002b, p. 234, 2003b, p. 220, 2005b, p. 280-281), sai de algum modo revigorada através da evocação de outro NL, *Igali*, documentado desde 1085, identificador de uma povoação de Navarra (Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 235). Recorde-se que é com *igal* que principia o NP bitemático IGALGHIS (*CIL* II<sup>2</sup>/5, 415) < \**igal-giś* (Faria, 2005a, p. 164, 2005b, p. 280).

A analogia que desde há muito vem sendo reconhecida entre a onomástica ibérica e a basca medieval permite igualmente que nos inclinemos para a identificação da raiz correspondente ao NL basco *Oto*, conhecido desde 1032 (Gorrotxategi, 2007, p. 143 e n. 9), com o primeiro elemento do NE **otobešcen** (Faria, 1995a, p. 327, 328, 2000a, p. 126, 2000b, p. 64, 2003a, p. 326, 2005b, p. 278) e dos NNP **otoildir** (F.21.1) e **otoceildir** (F.21.1) (Faria, 2000b, p. 62, 2002b, p. 234), ausentes do repertório antroponímico confeccionado por Untermann (*MLH* III 1, p. 209-238). No supracitado artigo dedicado à toponímia ibérica, Luján Martínez (2007, p. 63, 64, 76) não perdeu a oportunidade de se pronunciar quer sobre **otobešcen** quer sobre **otoildir/otoceildir**; do nosso ponto de vista, contudo, teria sido melhor que Luján a tivesse perdido, atendendo aos evidentes equívocos — deparámo-nos com a (con) fusão entre *Otobesa* e *O(c)togesa*, a corrigir por *Etogisa*, a que Ballester (2007, p. 25) e Pérez Orozco (2007, p. 94) também não escaparam — e às não menos manifestas lacunas bibliográficas (Faria, 1995a, p. 327, 328, 1998a, p. 239, 2000a, p. 126, 2000b, p. 64, 2002b, p. 234, 2003a, p. 326, 2005b, p. 278-279).

Ainda a respeito da conexão entre a onomástica ibérica e a basca, cremos ser inteiramente válido o paralelismo susceptível de ser estabelecido entre *izar* ‘estrela’, formador (através das grafias *Içar*, *Yzar*, etc.) de diversos NNL bascos conhecidos desde a Idade Média (Irigoyen, 1987, p. 113), e **ísař**, que isolámos nos NNP ibéricos **becorišař**, **catuišař**, **ísařlicar** e **laboišař** (Faria, 2004b, p. 178-179, 2007, p. 221).

**ildicira**. Moedas. \**ildi(r)cira*/\**ildurcira* (Orcera, Jaén) ou \**ildicr(oc)a*/\**ilducroca* (Lorca, Múrcia)?. CNH 356:1-2.

Depois de alguns anos de hesitações, desde 2003 que nos temos vindo a inclinar decisivamente para aceitar que a legenda monetária **ildicira** deverá corresponder a *Ilorcira* (Plin. *nat.* 3.9), deformação de \**ildurcira*, NL que, por seu lado, depois da aférese da vogal inicial, e da ulterior deglutinação, por falsa análise, que culminou na supressão do pretense artigo, veio a dar origem a *Orcera*, actual designação de um município pertencente à comarca de Sierra de Segura (Capalvo, 1996, p. 130-131, 2007, p. 194). Esta nossa preferência implica forçosamente o abandono das outras hipóteses por nós formuladas acerca da identificação/localização daquela ceca — uma das quais ainda surge contemplada, por uma questão de cautela, no início do presente verbete —, sendo bem anterior a apresentação, sempre acompanhada da discussão de interpretações alternativas, dos argumentos em que se vem alicerçando a nossa proposta de transliteração da legenda monetária em causa (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16,

1995b, p. 82, 1997, p. 108, 2001a, p. 100-101, 2003a, p. 324, 2003b, p. 220-222, 2004b, p. 180, 2005a, p. 169, 2007, p. 217). Todos estes nossos contributos foram olímpicamente ignorados por M.<sup>a</sup> de los Santos Mozas (2007, *passim*) num texto que, conquanto de dimensões reduzidas, surge eivado de gritantes erros e omissões. O título do trabalho já deixava entrever a possibilidade, que veio infelizmente a verificar-se, de estarmos perante um lamentável retrocesso no estudo da ceca objecto destas linhas, não faltando sequer o público reconhecimento por parte da sua autora da importância decisiva dispensada aos pareceres de colecionadores e comerciantes de moedas com vista a localizar “*Iltiraka*” (*sic*) em Úbeda la Vieja. Por estranho que pareça, este e outros despropósitos vieram a merecer o beneplácito da professora Alicia Arévalo (2005, p. 46-47) ao persistir em tomar o partido de uma transliteração que, durante duas décadas, foi também perfilhada por Untermann (*MLH I* 1, p. 329, *MLH III* 1, p. 188) até abandoná-la, sucessiva ou cumulativamente, por cinco outras (Faria, 2007, p. 217).

Tão-pouco Eugenio R. Luján Martínez (2007, p. 70) conseguiu resistir à tentação de veicular a transliteração **iltiraka** a par de **ilitirka**, afigurando-se esta leitura tão insustentável como a primeira, dadas as ineludíveis discrepâncias entre os terceiro e quarto grafemas que compõem a supracitada legenda (Faria, 2003b, p. 221, 2005a, p. 169).

**isceaśco**. Estela de calcário. Camí del Molí (Terrateig, La Vall d’Albaida). Fletcher e Gisbert, 1994, p. 7.

Uma vez que Noemí Moncunill (2007, p. 176) se esqueceu completamente de o evocar, convirá ter presente que praticamente tudo o que esta autora declara acerca do presente NP já constava de dois trabalhos da nossa autoria (Faria, 1998a, p. 238, 2000a, p. 135), nos quais defendíamos que o primeiro elemento de **isceaśco** se encontrava consignado em **isceildun** (F.21.1), **iscenius** (F.9.8) e **isceunir** (G.17.1), chamando, por outro lado, a atenção para a circunstância de **asco** não contar com qualquer paralelo na onomástica ibérica. Talvez haja que identificar este componente com o que encerra o NP *Belasco*, de origem paleobasca, mas apenas testemunhado em documentos medievais. Em vez de *Bel-asco*, não pode, no entanto, ser rejeitada a hipótese de a segmentação correcta deste último NP ser *Belas-co* (Michelena, 1954/1985, p. 435), comparável ao ib. **belas-baiseñ** (D.10.1), ou *Bela-sco* (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 69).

**iubeba[-]ate**. Bloco de pedra. Cruzy (Ensérune, Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

É de admitir que esta sequência gráfica encubra um NP, mas, por razões óbvias, que já tivemos oportunidade de explicar (Faria, 2002a, p. 127, 2005a, p. 168), não existe a mínima hipótese de transformá-la no pretenso NP, ibérico ou gaulês, **iubebare** (Moncunill, 2007, p. 150, 195, 211).

**iunti**. Placa de chumbo. Grau Vell (Sagunto, Valência). Ballester, 2006 [2007], p. 103.

Seguindo Ballester na leitura da primeira linha, nada impede que se atribua a **iunti** um valor antroponímico, que designaria o remetente ou o destinatário do documento em causa. O pouco que se sabe acerca da antroponímia ibérica não permite que optemos decisivamente por uma das duas interpretações que se seguem: NP simples ou segmentável em **iun-ti**. Já que o professor Ballester não o fez, recordemos, enquanto *comparandum*, **iuntibilos** (Faria, 1997, p. 108, 2004a, p. 298), que deve decompor-se em **iunti-bilos** (Faria, 1997, p. 108, 2004a, p. 298) ou em **iun-ti-bilos** (Faria, 2004a, p. 298). Esta última segmentação justifica-se pela existência de NNP que testemunham a ocorrência do elemento (afixo?) onomástico **ti**. Este poderá ser individualizado em **bartildun** (Untermann, 1996, p. 130) < \**bar-ti-(i)ldun* (caso não esteja por \**barti-(i)ldun*) (Faria, 1997, p. 107, 2002a, p. 124, 2003b, p. 215, 2006, p. 116), **bastibilos** (H.1.1; 1994b, p. 67, 2004a, p. 304, 2006, p. 118) (a menos que

se trate de um bimembre, **bašti-bilos**: Faria, 1990-1991, p. 76, 78, 84, 1991a, p. 190, 1994b, p. 67, 1998a, p. 236, 2004a, p. 304), **berti** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 511-512; Faria, 1994b, p. 69, 1997, p. 110, 2004a, p. 304), Βεταλδι (Fletcher e Silgo, 1991, p. 5; Faria, 1994b, p. 69, 2004a, p. 305), **biurti** (Velaza, 2004 [2005], p. 327; *HEp* 12, 150b), **biurtilaur** (Untermann, 1996, p. 133; Faria, 1997, p. 106, 107, 2000a, p. 122, 2002a, p. 133, 2003b, p. 215, 2006, p. 116), **laur̄ti** (Solier e Barbouteau, 1988, p. 91; Faria, 1990-1991, p. 86, 1994b, p. 69, 1997, p. 110, 2004a, p. 307), Τιελαρ (Santiago, 1994, p. 221-222; Faria, 1997, p. 111, 1998a, p. 234; Canós, 2002, p. 40-41, n.º 6) e **Ybarti** (F.6.1; Faria, 1997, p. 111).

O componente **iun**, por sua vez, figura nos seguintes NNP ibéricos: **bilosium** (F.17.2; Faria, 1997, p. 110), **iuntegen** (G.13.1; Faria, 1997, p. 110, 2003a, p. 329, 2004a, p. 307; Panosa, 2002, p. 338, n. 3), **luśiunbager** (Ferrer, no prelo; Moncunill, 2007, p. 240), SIR[A]STEIVN < \**sirasteiun*/*\*sirasteiun* (E.R. Ter, 5; Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005b, p. 274) e **tasberium** (na nova leitura de Ferrer, 2005 [2006], p. 966, n. 46, que veio substituir **bosberium**) (C.2.3; Faria, 1997, p. 110, 2002a, p. 125, 2003b, p. 215, 2004a, p. 281). Surpreendentemente, nenhum deles foi evocado por Moncunill (2007, p. 240) na procura de paralelos para o componente central de **luśiunbager**. É certo que nos deparamos com o supracitado **bilosium** noutra página da mesma tese (Moncunill, 2007, p. 196) — e a propósito do mesmo componente onomástico —, mas falta qualquer alusão à bibliografia apropriada.

**leibiur**. Fundo de prato de campaniense A. Coll del Moro del Borraser (Batea, Terra Alta, Tarragona). Gorgues, Moret e Ruiz-Darasse, 2003 [2004], p. 247.

Em artigo anterior explicitámos com alguma detença as razões que nos levam a rejeitar a hipótese segundo a qual **leibiur** conforma uma versão sincopada de \**leisbiur* (Faria, 2004b, p. 183-184). Não obstante, Moncunill (2007, p. 235) continua a acreditar na “caiguda de la sibilant final [de *leis*]”, mas não traz à colação quaisquer paralelos susceptíveis de apoiar a ocorrência de semelhante metaplasmo.

**leisif̄**. Placas de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier, 1979, p. 80, 85; Solier e Barbouteau, 1988, p. 72.

O facto de se poder segmentar **leisif̄** em **leis-(s)if̄** (Moncunill, 2007, p. 235) não implica que este NP não se possa decompor em **lei-sif̄** ou **leis-if̄** (Faria, 1993a, p. 153, 157, 1995a, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001a, p. 99, 2004a, p. 298, 2005b, p. 277, 2007, p. 214). Nenhuma destas hipóteses é contemplada por Moncunill (2007, p. 235), que omitiu a supracitada bibliografia acerca do NP em apreço, sem que fosse fornecida qualquer explicação para tal ausência.

**Ylbeief̄**. Fragmento de *skyphos* ático. Mas Castellar (Pontós, Alto Ampurdán, Gerona). *MLH* III 2 C.3.2.

Nada de substancial temos a acrescentar ao que escrevemos acerca deste NP noutras ocasiões (Faria, 2002b, p. 238, 2004a, p. 298, 2007, p. 222). Cumpre-nos somente, como é nossa obrigação ética, dar “o seu a seu dono”, reconhecendo que foi o professor Jaime Siles (1981, p. 77, 83), e não Jesús Rodríguez Ramos (2000, p. 27), quem, pela primeira vez, a propósito do NP objecto da presente entrada, se deu conta de que o elemento antropónimo *nalbe*, atestado em NALBEADEN (TSall) e em Ναλβε[-]v (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53), é o resultado da adaptação para latim e para grego de **Ylbe**, apesar das reservas, em nosso entender desajustadas, que foram emitidas por J. A. Correa (1999, p. 390-391).

O nosso lapso, de que nos penitenciamos, é consequência do vergonhoso comportamento convicta e reiteradamente assumido por Rodríguez Ramos, que, ao omitir com inigualável contu-

mácia (Faria, 2004a, p. 293, etc.) a bibliografia pertinente, permite que passem por suas ideias ou descobertas pertencentes a outrem.

O vasto historial de abusos protagonizados pelo bastante enfastiado (e não menos enfastiado) linguista Rodríguez Ramos prossegue sem qualquer solução de continuidade, sendo que os NNP ibéricos **baástibilos** (Faria, 1990-1991, p. 76, 78, 84, 1991a, p. 190, 1994b, p. 67, 1998a, p. 236, 2004a, p. 304, 2006, p. 118) e **ocobilos** (Faria, 1995a, p. 327, 2002b, p. 236, 2003b, p. 225, 2004a, p. 308), constantes da placa de chumbo de “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería) (H.1.1), configuram a mais recente tentativa de apropriação indevida (Rodríguez Ramos, 2006, p. 35, 41). Convirá deixar bem claro que é completamente irrelevante para a formulação de um juízo ponderado acerca desta execrável conduta que as nossas interpretações sejam, ou não, acertadas.

Ninguém, na devida altura, terá ensinado a este cientista que, além de ilegal, é má educação querer apossar-se daquilo que é dos outros ou tentar ficar com os louros do trabalho alheio; a completa falta de arrependimento por todos os atropelos às mais básicas regras da ética de que Rodríguez Ramos tem dado sucessivas mostras na última década, exteriorizada em infames exposições de arrogância e grosseria, faz-nos perder irremediavelmente todas as ilusões quanto a uma possível (e desejável) regeneração.

Cabe-nos ainda assinalar que foi ainda o professor Siles, no artigo supramencionado (Siles, 1981, p. 93-95), e não noutro, posterior em cinco anos (Siles, 1986, p. 23), que já era do nosso conhecimento (Faria, 2005b, p. 283), o primeiro a demonstrar que *\*ordun* e *\*sosun*, ao invés de **ordín** e **sosin**, não faziam parte dos componentes onomásticos ibéricos. Não obstante, ainda há quem se recuse actualmente a reconhecer a validade de tal demonstração (Kouznetsova, 2007, p. 137).

[N]αυαρυαζ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Mais uma vez (Faria, 2004b, p. 185), não podemos admitir que Javier Velaza (2007, p. 278) seja considerado o autor da interpretação de [N]αυαρυαζ como NP ibérico (Faria, 1991b, p. 18, 1994b, p. 69, 1998b, p. 229, 2000a, p. 131, 2001a, p. 99, 2004b, p. 185).

Ainda a respeito dos NNP ibéricos constantes do mesmo documento, Velaza (2007, p. 278) equivocou-se de novo (Faria, 2004b, p. 185) ao difundir as leituras Γολοβτυρ e Ναλβε[αδιv] em vez de Γολο[-]βτυρ – com grande probabilidade, Γολο[v]βτυρ (Faria, 1991a, p. 192, 1994a, p. 45, n.º 175, 1995b, p. 82, 1998a, p. 239, 2000a, p. 131, 132, 2001a, p. 99-100, 2001c, p. 209) – e de Ναλβε[-]v (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53), respectivamente.

**neitecer**. Placa de chumbo. Ullastret (Gerona). *MLH* III 2 C.2.3.

Depois de Untermann (*MLH* III 2, p. 43-44) ter, sem grande convicção, considerado **neiteceru** (*sic*) um NP ibérico formado por variantes dos elementos antroponímicos **neitin** e **kere**, Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 265) alvitrou a possibilidade de **neitecer** resultar da combinação de **neit(e)** (*sic*) com o bem conhecido **tecer** (*MLH* III 1, p. 234).

A opção mais razoável, na nossa perspectiva, consiste em segmentar **neitecer** em **nei-tecer** e equiparar o elemento inicial ao que ocorre em idêntica posição em *\*neildir* (*\*nei-ildir*). É este NP ibérico que julgamos subjacente a NEILLA, *cognomen* latinizado de uma tal CORNELIA, figura de grande relevo entre a elite municipal de *Labitolosa* durante a primeira metade do século II d.C. (Sillières, Magallón e Navarro, 1995, p. 119-122). Talvez haja também que reconhecer o mesmo formador onomástico em **betainei** (Ferrer, no prelo; Moncunill, 2007, p. 135), caso venha ser confirmada a natureza antroponímica deste lexema. Faltam, no entanto, *comparanda* para **betai**.

Voltando ao nosso NP, a similitude fonética detectada por Sillières, Magallón e Navarro (1995, p. 121) entre NEILLA e NEILO, termo atestado em *Cilurnum* (Chester) (*OPEL* 3, p. 97), não implica forçosamente a pertença de ambos a uma mesma língua, no caso vertente, o grego — Νεῖλος/Νεῖλων (< <http://www.lgpn.ox.ac.uk/database/lgpn.php> > [consulta de 28-03-07]); de resto, está por determinar que NEILO configure efectivamente um NP (< <http://www.roman-britain.org/places/cilurnum.htm> > [consulta de 26-03-07]).

**niosiscer.** Moeda. Ceca indeterminada. *CNH* 52:106.

A transliteração deste NP como **niosiscer** em detrimento de **liosiscer** foi por nós advogada logo em 1994 (Faria, 1994a, p. 50, n.º 265, 1994c, p. 122, 2004a, p. 288). Lamentavelmente, nenhum destes três textos chegou a ser referenciado por Moncunill (2007, p. 252).

**ocelacom.** Moedas. \**Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). *CNH* 289:1-2.

Untermann (2007, p. 64-65 e n. 27) não deixou nada claro que fomos nós quem, pela primeira vez, transliterou correctamente a presente legenda monetária, que, até 2003, se transliterava como **ocalacom** (Faria, 2003b, p. 224-225), e quem, também pela primeira vez, identificou \**Ocela* com *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras, surge corrompida no relato de Apiano de Alexandria (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003b, p. 224-225). Esta última identificação não é aceite por Untermann (2007, p. 64-65), que cauciona a validade da designação toponímica veiculada por Apiano, chegando inclusive ao extremo de encarar esta óbvia corruptela como “una variante dialectal celtibérica del topónimo *Ocelum*”.

**olortigífs.** Estela de calcário (Sagunto, Valência). *MLH* III 2 F.11.10.

Estamos perante um NP analisável em **olor-tigífs** (Faria, 1995a, p. 328), apesar de Moncunill (2007, p. 255) ainda continuar a dar crédito à segmentação aventada por Untermann (*MLH* III 1, p. 235): prefixo **o-** seguido do NP **lortigífs**. O rasto de **olor** pode ser detectado no NL *Oloriz*, que se compõe do NP *Olor* seguido do sufixo toponímico *-i(t)z* (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 108-110, n.º 347; Orpustan, 1999, p. 269-270). Parece-nos menos plausível a interpretação de *Oloriz* como gen. de \**Oloricus* (Caro, 1945, p. 106).

**OLSAILACOS.** Mosaico. *Ilicis* (La Alcudia de Elche, Elche, Alicante). *MLH* III 2 G.12.4.

Tal como já tinham visto Siles (1978, p. 336) e Corell (1998, p. 79), a sequência final deste NP, ACOS, deve reproduzir o NP simples imediatamente anterior, a exemplo do que sucede com BELES, VMARBELES *F(i)lius* (TSall). Assim sendo, são várias as segmentações possíveis para este NP: \**olś-sair-acos*/\**ol-sair-acos*/\**olś-sail-acos*/*ol-sail-acos*/\**ol-śail-acos*/\**olś-śail-acos*. Siles (1978, p. 335), que leu este NP como [BE]LSAILACOS, deixou entrever a hipótese de o mesmo corresponder a \**belesairacos*, resultando a vibrante de um vulgar processo de dissimilação entre consoantes líquidas: /l/ > /l/, /l/ > /r/.

\**olś* ou \**ol* deverá configurar o resultado da aférese da bilabial sonora, fenómeno bem documentado na língua basca (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 258; Faria, 2002a, p. 124, 2003b, p. 218-219, 2004b, p. 178, 2005b, p. 276). Há uns anos, apontámos como possível paralelo para *ol-* o segmento inicial do NL **olcairun** (*CNH* 260:1-2), que segmentávamos dubitativamente em **ol-cair-un** (Faria, 2003a, p. 325). O componente intermédio *śail/sail* deverá relacionar-se com o adj. basco medieval *zail* ‘coriáceo, resistente’ (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 103, 107), origem do cognome *Zailo* (Michelena, 1969/1987, p. 135, n. 48, 138; Irigoyen, 1990, p.171, 1997, p. 158). **acos**, por sua vez, além de comparecer como nome simples na inscrição musiva de que vimos tratando, poderá estar testemunhado, também

como NP completo, numa dracma ibérica (Villaronga, 1998, p. 133, n.º 460), caso seja esta, e não **JaTaCi** (Faria, 2004b, p. 177), **JfCos** (Villaronga, 1998, p. 133) ou **JfTaCi** a transliteração apropriada. Tão-pouco poderemos esquecer o NL **ařsacos** (CNH 256:1-5), passível de se decompor em **ařs-acos**, não sendo, por outro lado, de todo improvável que os NNP bascos alto-medievais *Aghostar* e *Ahostar*, além do patronímico *Ahoçtarreç* (Irigoyen, 1997, p. 398), remontem a *\*Acostar*.

**oroicaštoř.** Placa de chumbo. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Solier e Barbouteau, 1988, p. 84.

Há muito que este NP ibérico, a nosso ver segmentável em *\*oro-ic-aštoř*, já havia sido por nós individualizado (Faria, 1990-1991, p. 87, 2004a, p. 308, 2006, p. 118), mas Silgo (2007, p. 154) não o referiu. Também **etaitoř**, lido como **eboitoř** antes da nova transliteração propugnada por Ferrer (2005 [2006]), já tinha sido considerado um NP em diversos textos (Faria, 2002b, p. 235, 2004a, p. 306, 2007, p. 224) que também passaram despercebidos a Silgo.

**osciciri.** Rocha Gassiot 1 (Osséja, Alta Cerdanha). Campmajó e Untermann, 1993, p. 514-515.

Moncunill (2007, p. 264) não conseguiu encontrar quaisquer paralelos para esta sequência, que julgamos poder classificar como NP. O segundo segmento deverá figurar em **cirinabar** (Faria, 2004b, p. 180), ao passo que **osci**, além de ocorrer em OSCITARIS (nom./gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 250, n.º 278), parece constituir a base do NE *Oscidates*, referenciado por Plínio (*nat.* 4.108) (Gorrochategui, 1984, p. 250, que se equivoca na identificação da passagem pliniana). Deve, contudo, ser dada preferência a uma decomposição em *Oscid-ates*, no pressuposto de que não estamos perante uma forma corrupta.

**ořořtarban.** Estela de arenito. Caspe (Saragoça). *MLH* III 2 E.13.1.

Estamos perante um NP analisável em **ořoř-tarban** (Faria, 2002b, p. 240, 2004a, p. 298; Tolosa, 2007, p. 160), apesar de Moncunill (2007, p. 255) ainda continuar a dar crédito à segmentação aventada por Untermann (*MLH* III 1, p. 235) e secundada por Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 268, 269): prefixo **o-** seguido do NP **řořtarban**. **ořoř** parece ter gozado de grande popularidade na onomástica pessoal medieval através de *Osorius*, NP bastante disseminado por todo o Noroeste peninsular (Rivas, 1991, p. 241-242; Boullón, 1999, p. 341-342).

**[-]řstolon.** Moeda. Ceca indeterminada. *CNH* 50:88.

Rodríguez Ramos (2004, p. 129) alvitrou a restituição deste nome próprio como **[a]řstolon**, não deixando de encarar **astolon** em alternativa àquela leitura. Nenhuma delas nos parece viável, atendendo à configuração simétrica da parte superior do primeiro signo, a única visível, que nenhum **<a>** é passível de exibir. Ante a falta de exemplares que permitam o esclarecimento cabal desta questão, propomos três restituições do presente lexema, por ordem decrescente de plausibilidade: **[bo]řstolon**, **[ta]řstolon** e **[ř]astolon**.

É de admitir que, de preferência a um NP, a legenda monetária em causa identifique um NL, talvez o mesmo que se documenta desde o século X sob a forma *Tolon(e)*, designação do núcleo populacional que veio a tomar o nome de *Peralada* (Guiter, 1975, p. 123-124).

Procurámos esta legenda monetária na tese de Noemí Moncunill (2007), mas não conseguimos encontrar nada sobre a mesma.

**salager.** Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí Grego, 1988, p. 103.

Não podemos permitir que Noemí Moncunill (2007, p. 270) outorgue a outros ou a si própria a autoria da interpretação de **salager** (Sanmartí Grego, 1988, p. 106) como NP (Faria, 1994b, p. 70, 1995a, p. 328, 1998a, p. 235, 2003b, p. 226, 2004a, p. 289), que nos foi, aliás, devidamente atribuída por M.<sup>a</sup> I. Panosa (1999, p. 268).

**ΣεδεγϞν.** Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Mais uma vez (Faria, 2004b, p. 185), não podemos admitir que Javier Velaza (2007, p. 275) apareça como autor da segmentação de ΣεδεγϞν em Σεδε-γϞν (Faria, 1994b, p. 70, 1998a, p. 236, 2000a, p. 131, 2001a, p. 103, 2004a, p. 289-290, 2004b, p. 185).

**[s]elgiberśař.** Vaso de cerâmica. Molí d'Espígol (Tornabous, Urgell, Lérida). Cura, 1993, p. 219.

Na entrada correspondente, Moncunill (2007, p. 346) esqueceu-se de declarar que, em alternativa a uma interpretação de **[s]elgiberśař** como NP trimembre (Faria, 1999a, p. 156, 2003a, p. 318, 2003b, p. 215, 2004a, p. 299, 2006, p. 117), chegámos a contemplar a hipótese de o mesmo ser composto por dois elementos, **[s]elgi** e **berśař** (Faria, 2003a, p. 318, 2004a, p. 299). Lamentavelmente, nenhum destes nossos textos foi recolhido por Velaza (2006b [2007b], p. 308).

**sesin.** Cossoiro de argila. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). MLH IV K.1.6.

Grande parte do que Moncunill escreveu sobre o NP que encabeça o presente verbete pode também ler-se em artigos da nossa autoria (Faria, 2000a, p. 139, 2002a, p. 128, 135, 2004a, p. 309, 2007, p. 225-226). Tal atitude não teria grande importância, se não se desse o caso de nenhum dos três primeiros artigos acima evocados ter sido objecto de referência por parte da dita investigadora.

**siceicanśař.** Jarra de cerâmica. La Joncosa (Jorba, Anoia, Barcelona). Ferrer (no prelo).

Trata-se de um NP ibérico trimembre, divisível em **sice-ican-śař**. A procura de paralelos para os componentes inicial e final não suscita especiais dificuldades, apesar de alguns dos nomes a seguir coligidos admitirem outras segmentações além das que são aqui consignadas: *\*agir-śař* (Faria, 1997, p. 111), *\*bai-śař(o?)* (NL) (Faria, 2002a, p. 127, 2003a, p. 321, 326, 2007, p. 217), **ildir-śař** (Solier, 1979, p. 82, 84, 85; Faria, 1990-1991, p. 85, 1991a, p. 190, 1994b, p. 67, 1997, p. 111, 1998d, p. 269, 2002a, p. 127), LVNT<I>-BEL-SAR (*HEp* 6, 4), **[s]elgi-ber-śař** (Faria, 1999a, p. 156), **sice-taneś** (G.1.6) (Ferrer, no prelo), **sice-unin** (F.11.6), **tolo-śař** (Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 133, 2003b, p. 222-223, 2006, p. 117). Já quanto a **ican**, é elemento que ocorre unicamente em **baśu-ican** (F.17.2) (Correa, 1992, p. 277), NP que é também passível de se transliterar como **baśtuican** ou **bailuican**.

**śaitabietarś.** Moedas. *\*śaitabiř/śaitabi* (Xàtiva, Valência). CNH 314:1, 2, 11.

Trata-se, do nosso ponto de vista, de um NL decomponível em **śai-tabī**, repetindo-se o elemento inicial apenas em **śaitalegice** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 515; Faria, 2007, p. 225). Cremos, contudo, que será dificilmente questionável a correspondência entre o primeiro componente de **śaitabi** e o basco medieval *sai* 'abutre' (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 148, n.º 533; Arzamendi, 1985, p. 392; Orpustan, 1999, p. 98, 342), estando também atestada a variante *sei*, de presumível carácter dialectal (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 103-104). Outra hipótese, conquanto mais remota, é a de que o ornitónimo basco derive de **śani**, documentado em diversos NNP ibéricos (Faria, 1994b, p. 68, 69, 1997, p. 107,

1998a, p. 237, 1999a, p. 154, 2002a, p. 135, 2003a, p. 317, 2004a, p. 299, 309-310). No entanto, na eventualidade de **śai** não consistir no resultado de um processo de desnasalização de **śani** ocorrido durante a segunda metade do primeiro milénio d.C. — a despeito de a síncope de nasal intervocálica ter sido um fenómeno regular em basco medieval (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 299-303) —, estaria encontrada uma boa justificação para a representação em didracmas e hemidracmas de **śaitabi** de uma ave de rapina, a identificar com um abutre, se bem que o modelo iconográfico, fielmente copiado (excepto o raio de Júpiter, que não foi gravado), tenha sido a águia ilustrada nas emissões áureas romanas cunhadas a partir de 214 a.C. (Ripollès, 2007, p. 30, 33-35).

Diferente da nossa é a perspectiva adoptada por Luis Silgo (2006, p. 174), que, ao mostrar-se partidário de uma conexão entre **śai** e basco \**zani* ‘guarda, vigilante’ (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 143, 414), veio sugerir ‘lugar da atalaia’ como tradução de **śaitabi**. A correspondência, aparentemente rejeitada por Silgo, entre ibero <ś-> e basco <s-> transparece da correlação ibero-basca **śalif** ~ *saldū* ‘vendido’, *sari* ‘prémio/pagamento’ (Michelena, 1955/1985, p. 366).

Quanto ao componente **tabi**, pensamos tê-lo isolado (Faria, 2007, p. 225) em **carestabici** (F.13.3), **taftabiegi** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 511, 519) e **rtabif** (Aquilué e Velaza, 2001, p. 282; *HEp* 11, 264).

É nossa convicção, no entanto, que podemos ir um pouco mais longe na análise do NL **śaitabi** à luz das insofismáveis relações de parentesco entre o paleobasco e o ibero, se bem que enveredando por um caminho distinto do que foi traçado por Luis Silgo. Tais relações permitem que interpretemos o NL (oicónimo) basco medieval (século XIV) *Sayhabi(ague)* (Orpustan, 1999, p. 323, 342, 2000, p. 217, 440) ‘(lugar do) ninho de abutre’ (Orpustan (2000, p. 217) como forma evolucionada de **śaitabi**. Por outras palavras — e tendo plena consciência de que estamos a pisar terrenos bastante movediços —, vimos propor ‘ninho do abutre’ ou ‘lugar de abutres’ como tradução etimológica do NL ibérico **śaitabi**. Virá a propósito lembrar que é para ‘lugar/região de abutres’ que remete o NL *Vulturaria* e todos os NNL que este veio a gerar em diversas línguas da *Romania* durante a Idade Média (Cabeza, 1992, p. 496-497; Coromines, 1997, p. 93; Fernandes, 1999, p. 11; García Sánchez, 2007, p. 185).

É claro que tal exegese colide à primeira vista com o reenvio do basco *kabia* ~ *gabia* ~ (*h*)*abia* ‘ninho’ para o lat. *cauea* ‘gaiola, jaula, cavidade’, até hoje indiscutido (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 251, 266; Cierbide, 1980, p. 98; Orpustan, 1999, p. 85, 319, 2000, p. 216-217). Contudo, a dar crédito à inexistência no vocabulário patrimonial basco de um termo para ‘ninho’, não podemos deixar de nos interrogar por que razão não esteve o lat. *nidu* na origem do sinónimo em língua basca, evitando-se assim a importação de um termo dotado de um significado um tanto distinto.

Acreditamos, deste modo, que é razoável defender a derivação de (*h*)*abi* a partir de **tabi**. Partindo do pressuposto que não se trata de um fenómeno dialectal/diatópico, tal derivação não oferece, no plano da fonologia diacrónica do basco, especiais dificuldades, estando suficientemente documentada a passagem de *t-* a *b-* (Michelena, 1954/1985, p. 442-443, 1977<sup>2</sup>, p. 256, 420).

Para a prótese de oclusiva velar (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 253; Orpustan, 1999, p. 100; Irigoyen, 1999, p. 213-215; Saura, 2001, p. 310-312; Iglesias, 2002, p. 134; Martín de las Puebas, 2005, p. 160-161) observável em *kabia* ~ *gabia* contribuiria o influxo do lat. *cauea* e seus derivados romances (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 251).

A análise comparativa a que procedemos em estudos anteriores levou-nos a propugnar **śaitabi** como efeito da evolução fonética de \**śaitabif* (Faria, 2002b, p. 238, 2007, p. 225), por apócope da vibrante simples, de comportamento mais instável do que a vibrante múltipla, representada por <**r**> (Ballester, 2005 [2006], p. 374). Tal análise fundava-se na invocação do *comparandum* **rtabif** (Aquilué e Velaza, 2001, p. 282; *HEp* 11, 264) associada à interpretação de **śaitif**, uma das legendas toponímicas gravadas nos numismas de **śaitabi** (CNH 315:7-10), como abreviação de

**šait(ab)ir.** Agora, estimamos ser mais prudente reconhecer uma alternância sincrónica \*šaitabir/šaitabi. É cada vez maior o nosso convencimento de que esta e outras oscilações gráficas, tais como **abarildur/abarildu** ou **ildirdaŕ/ildirda** (Faria, 2000a, p. 133), não conferem qualquer legitimidade ao reconhecimento de um valor morfológico (sufixal) à vibrante final (Faria, 2000b, p. 65), tal como estatuíram Untermann (*MLH* III 1, p. 80, 218), Quintanilla (1998, p. 225), Silgo (1998-1999, p. 38-40) e Luján (2007, p. 72). Escusado será dizer que estas nossas considerações valem sobretudo para os membros de compostos em posição não-final, que podem, ou não, terminar em vibrante simples (ou suave), sendo este um fenómeno gráfico-fonético, independente de processos assimilatórios ou dissimilatórios, que também se dá no basco medieval (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 337-338; Orpustan, 1999, p. 108-110; Tolosa, 2007, p. 160-161).

**[š]alaitibaš.** Moeda. Ceca indeterminada. *CNH* 50:87.

Não podemos permitir que Moncunill (2007, p. 336) reivindique para si a restituição de **jalaitibaš** (*CNH* 50:87) em **[š]alaitibaš** (Faria, 1995a, p. 328, 2002b, p. 239, 2004a, p. 290-291, 2007, p. 226), sobretudo desde que Velaza (2005, p. 144, 150, n. 12, 2006c [2007c], p. 251 e n. 12) nos atribuiu a prioridade na identificação completa do dito NP, apesar de omitir o nosso artigo de 1995. Nenhuma bibliografia acompanha a referência de Ferrer (2005 [2006], p. 971, n. 69) a **jalaitibaš**.

**šigara.** Moeda. **šigara**/*Sigarra* (Els Prats de Rei, Anoia, Barcelona). *CNH* 513:31A.

Desconhecemos o motivo que induziu Noemí Moncunill a prescindir, na sua indispensável tese de doutoramento, da transliteração do último signo da legenda monetária ibérica objecto desta entrada. Seja como for, Moncunill (2007, p. 283) esqueceu-se de referir quem sustentou pela primeira vez a correspondência entre **šigara** e o NL *Sigarra*, atestado em Ptolemeu (*Geog.* 2.6.63) e em duas inscrições latinas (Faria, 1997, p. 110, 1998b, p. 230, 2000a, p. 132, 2000b, p. 64). Esta mesma correspondência foi contemplada com reservas por Ferrer (2005 [2006], p. 971, n. 69), que também não chegou a citar o autor da mesma.

**TARBANTV.** Tábua de bronze. Roma. *CIL* I<sup>2</sup> 709.

Creemos que vem a propósito precisar que, diversamente do que deixou entrever Francisco Beltrán (2006, p. 74 e n. 136), Jürgen Untermann, na obra por aquele citada (*MLH* III 1, p. 233 e n. 116.2), não chegou a ler com rigor o NP em questão, ficando-se, tal como Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 269), Gorrochategui (2006, p. 130) e Tolosa (2007, p. 160), por **TABBANTV**, ao contrário do que sucedeu, por exemplo, com Schuchardt (1909, p. 244, 246 e n. 1), Criniti (1970, p. 25 e n. 64) e Siles (1981, p. 95, n. 112), que acertaram na leitura.

Por outro lado, não vislumbramos qualquer necessidade de complicar o que se apresenta como bem simples: **TARBANTV** é NP ibérico decomponível em **TARBAN-TV** (Siles, 1981, p. 95, n. 112; Faria, 2002b, p. 240, 2005a, p. 167-168), e não em \**tarban-turs* (Beltrán Lloris, 2006, p. 74), repetindo-se o sufixo **-tu** apenas em **Cafsuritu** (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 190, 1991b, p. 17-18, 1994a, p. 42-43, n.º 112, 1994b, p. 67, 1994c, p. 123, 1995a, p. 326, 1995b, p. 80, 81, 1996a, p. 158, 1997, p. 106, 1998a, p. 236, 1998b, p. 230, 1998c, p. 249, 2000a, p. 122, 130, 2001a, p. 99, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003b, p. 213, 215, 2005a, p. 167).

**tarticeles.** Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilá, 1996, p. 296.

Nesta entrada, não iremos repetir o que já escrevemos sobre o presente NP, bem como sobre os paralelos susceptíveis de serem aduzidos para cada um dos elementos que o compõem

(Faria, 1997, p. 110, 1999a, p. 159, 2002a, p. 123, 125, 2007, p. 227). Estas linhas visam tão-somente manifestar a nossa perplexidade pelo facto de nenhum dos três primeiros títulos ora evocados ter sido mencionado por Noemí Moncunill (2007, p. 298) ou por Javier Velaza (2006b [2007b], p. 308).

**tigírseni.** Estela de calcário (Sagunto, Valência). *MLH* III 2 F.11.10.

Mesmo que não se trate do patronímico de **olórtigírs**, ao coexistir **tigírseni** com aquele NP na mesma inscrição, a segmentação deste último em **tigírs-eni**, sugerida por Gorrochategui (1984, p. 165), deve ser considerada pelo menos tão plausível como a sua decomposição em **tigírs-(s)eni** (*contra*, Faria, 2002b, p. 240, 2003b, p. 227). Na esteira de Silgo (1988, p. 765), invocávamos em 2002 a completa ausência de *comparanda* que legitimassem uma tal análise, em contraste com os abundantes exemplos de *seni*, ainda que procedentes, todos eles, da onomástica paleobasca (Siles, 1985, p. 199, n.º 816, com mais bibliografia). Em abono da exegese aventada por Gorrochategui, poderemos trazer à colação AENIBELI (dat.) (*CIL* II 3621), que deverá corresponder a *\*enibel* ou a *enibeleś*, a despeito da opinião manifestada por Untermann, que optou por *\*ain-i-beleś* (*MLH* III 1, p. 209, 216). A nossa interpretação assenta exclusivamente no facto de o NL *Aeso* constituir a latinização, ainda que inesperada (*MLH* I 1, p. 201), de **eśo** (Tovar, 1989, p. 451). Do nosso ponto de vista, tanto *Aeso* como AENIBELI, ao constituírem mais dois exemplos da representação de *e* (maioritariamente *ě*) por <ae>, testemunhando, por conseguinte, a monotongação de *ae* (Carnoy, 1906, p. 70-81; Väänänen, 1982, p. 64-65, 76-77), conformam grafias que devem ser entendidas como hipercorreções.

**urcetegeter.** Dracma. Ceca indeterminada. *CNH* 47:69.

Não podemos permitir que Noemí Moncunill (2007, p. 325) atribua indevidamente a outros ou a si própria a autoria de uma transliteração que é da nossa responsabilidade (Faria, 2003b, p. 227, 2004a, p. 310, 2007, p. 230).

## BIBLIOGRAFIA

- ABAD CASAL, L. (1998/2005) - Sobre citas, citadores y modos de citar. < <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=17234> > [consultado em 14/08/07].
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2003) - *Epigrafía prerromana*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- AQUILUÉ, X.; VELAZA, J. (2001) - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 277-289.
- ARASA I GIL, F. (2001) - *La romanització a les comarques septentrionals del litoral valencià: poblament ibèric i importacions itàliques en els segles II-I aC*. Valencia: Diputació Provincial.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (2005) - *Sylloge Nummorum Graecorum España. 2: Hispania. Ciudades del area meridional. Acuñaciones con escritura indígena*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- ARZAMENDI SÁEZ DE IBARRA, J. (1985) - *Términos vascos en documentos medievales de los ss. XI-XVI*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2005) [2006] - Lengua ibérica: hacia un debate tipológico. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 361-392.
- BALLESTER GÓMEZ, X. (2006) [2007] - Anexo. Comentario grafemático y lingüístico al plomo ibérico de Grau Vell. In BELARTE, M.ª C.; SANMARTÍ, J., eds. - *De les comunitats locals als estats arcaics: la formació de les societats complexes a la costa del Mediterrani occidental. Homenatge a Miquel Cura. Actes de la III Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell (Calafell, 25 al 27 de novembre de 2004)*. Barcelona: Universitat; Institut Català d'Arqueologia Clàssica, p. 103-107.

- BALLESTER GÓMEZ, X. (2007) - Tres posibles diaglosias arqueoibéricas. *Estudios de Lengua y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, p. 11-36.
- BELASKO ORTEGA, M. (1999<sup>2</sup>) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.<sup>a</sup> ed. (1996<sup>1</sup>). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, F. (2006) - Libia en el siglo I a. E. In ÁLVAREZ CLAVIJO, P., ed. - *Libia: la mirada de Venus. Centenario del descubrimiento de la Venus de Herramelluri (1905-2005)*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, p. 71-75.
- BELTRÁN VILLAGRASA, P. (1954) - *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BOULLÓN AGRELO, A. I. (1999) - *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Niemeyer.
- BOURDONCLE, S.; GUILLOT, F.; LASNIER, T.; TEISSEIRE, H. (2006) - La vallée de la Bellongue au Moyen Âge (Pyrénées-Couserans). *Revue de Comminges et des Pyrénées Centrales*. Saint-Gaudens. 122:2, p. 173-208.
- CABEZA QUILES, F. (1992) - *Os nomes de lugar. Topónimos de Galicia: a súa orixe e o seu significado*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lengua y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CANÓS I VILLENA, I. (2002) - *L'epigrafia grega a Catalunya*. Debrecen: Debreceni Tudomány Egyetem Bölcsészettudományi Kar.
- CAPALVO LIESA, Á. (1996) - *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico".
- CAPALVO LIESA, Á. (2007) - Los textos clásicos y las entidades étnicas prerromanas en la Meseta sur. Acerca del "Caput Celtiberiae". In CARRASCO SERRANO, G., ed. - *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, p. 185-197.
- CARNOY, A. J. (1906) - *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*. Brussels: Misch & Thron.
- CARO BAROJA, J. (1945) - *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CASARIEGO, A.; CORES, G.; PLIEGO, F. (1987) - *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*. Madrid: Artis Traditio.
- CIERBIDE MARTINENA, R. (1980) - Toponimia navarra: historia y lengua. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 34, p. 87-106.
- CIL I<sup>2</sup> = LOMMATZSCH, E., ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II<sup>2</sup>/5 = STYLOW, A. U. [et al.] (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II<sup>2</sup>/5)*. Berlin; New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaehispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- CORELL VICENT, J. (1998) - *Inscripcions romanes d'Ilici, Lucentum, Allon, Dianium i els seus respectius territoris*. València: Nau Llibres.
- CORELL VICENT, J. (2005) - *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L'Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.
- COROMINES I VIGNEAUX, J. (1997) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, VIII: VI-Z*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona "La Caixa".
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIQN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lengua y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2002) - [Recensão de] VILLAR LIÉBANA, F. - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana. Las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Publicaciones de la Universidad de Salamanca, 2000. *Habis*. Sevilla. 33, p. 702-706.
- CORREA RODRÍGUEZ, J. A. (2005) [2006] - Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaehispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lengua y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaehispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 137-154.
- CRINITI, N. (1970) - *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Editrice Vita e Pensiero.
- E.R.Ter. = NAVARRO CABALLERO, M. (1994) - *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Bordeaux: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- FARIA, A. M. de (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua. *Numismática*. Lisboa. 47, p. 24-28.
- FARIA, A. M. de (1988) - Algumas considerações a propósito do "Álbum de la antigua colección Sánchez de la Cotera de moneda ibero-romana (Madrid, 1986)". *Numismática*. Lisboa. 48, p. 7-9.

- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1992a) - [Recensão de] VELAZA FRÍAS, J. - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona: Universitat, 1991. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 191-195.
- FARIA, A. M. de (1992b) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, p. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão de] MARÍN DÍAZ, M.<sup>a</sup> A. (1988) - *Emigración, colonización y municipalización en la Hispania republicana*. Granada: Universidad, 1988, 260 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 131-136.
- FARIA, A. M. de (1993c) - [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: from the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London-Paris: British Museum Press - Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 140-146.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. - *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995c) - Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 89-99.
- FARIA, A. M. de (1996a) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1996b) - [Recensão de] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. *Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, A. - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, L. - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão de] VELAZA FRÍAS, J. - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros, 1996. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1998e) - [Recensão de] RICHARDSON, J. S. - *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 257-259.
- FARIA, A. M. de (1999a) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (1999b) - [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Curs d'Història Monetaria d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat ibèrica. II Curs d'Història monetaria d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 273-281.
- FARIA, A. M. de (1999c) - Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 29-50.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001b) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P.; ABASCAL, J. M. - *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 213-216.

- FARIA, A. M. de (2001c) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 273-315.
- FARIA, A. M. de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 163-175.
- FARIA, A. M. de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 273-292.
- FARIA, A. M. de (2005c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P. - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia, Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 630-635.
- FARIA, A. M. de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 115-129.
- FARIA, A. M. de (2007) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, p. 209-238.
- FERNANDES, A. de A. (1999) - *Toponímia portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- FERRER I JANÉ, J. [2005] (2006) - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 957-982.
- FERRER I JANÉ, J. (no prelo) - Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 13 [agradecemos ao autor a disponibilização do texto antes da respectiva publicação].
- FLETCHER, D.; GISBERT, J. A. (1994) - Hallazgo de una inscripción ibérica en el Camí del Molí (Terrateig, La Vall d'Albaida). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 21, p. 343-353.
- FLETCHER, D.; SILGO, L. (1991) - Plomo ibérico, en escritura jonia, procedente de Sagunto. *Arse*. Sagunto. 26, p. 1-6.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2006) [2007] - Vettones y Layetanos. La etnonimia antigua de Hispania. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, p. 59-116.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.ª P. (1990) - *El tesoro de Mogente y su entorno monetar*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència (Estudis Numismàtics Valencians; 5).
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.ª P. (1993) - El proceso de monetización en el Levante y Sur hispánico durante la Segunda Guerra Púnica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 317-347.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, M.ª P. (2006) - La moneda "militar" en el proceso de helenización de Iberia durante la segunda guerra púnica. *Pallas*. Toulouse. 70, p. 289-209.
- GARCÍA GARRIDO, M.; LALANA, L. (1991-1993) - Algunos glandes de plomo con inscripciones latinas y púnicas hallados en Hispania. *Acta Numismática*. Barcelona. 21-23, p. 101-107.
- GARCÍA GARRIDO, M.; MONTAÑÉS, J. (1989) - Divisores de plata inéditos o poco conocidos de la Hispania antigua. *Acta Numismática*. Barcelona. 19, p. 45-52.
- GARCÍA SÁNCHEZ, J. J. (2007) - *Atlas toponímico de España*. Madrid: Arco Libros.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, M. (1934) - Notas sobre numismática hispana. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. Madrid. 2, p. 173-191.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, M. (1945) - Digresiones ibéricas: escritura, lengua. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 24, p. 275-288.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ VILLAR, R. (2003) - Toponimia vasca en la comarca de Belorado (Burgos). *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 92, p. 165-182.
- GORGUES, A.; MORET, P.; RUIZ-DARASSE, C. (2003) [2004] - Cinq nouvelles inscriptions sur céramique du Bas Aragon et de la Terra Alta. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 245-250.
- GORROCHATEGUI CHURRUCUA, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCUA, J. (2000) - Ptolemy's Aquitania and the Ebro Valley. In PARSONS, D. N.; SIMS-WILLIAMS, P., eds. - *Ptolemy: towards a linguistic atlas of the earliest Celtic place-names of Europe. Papers from a workshop, sponsored by the British Academy, in the Department of Welsh, University of Wales, Aberystwyth, 11-12 April 1999*. Aberystwyth: CMCS, p. 143-157.

- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2002) - El área de Bilbao en la Antigüedad. In *Bilbao. El espacio lingüístico: Simposio 700 Aniversario – Biliboren 700. Hizkuntza guinea: Simposioa*. Bilbao: Universidad de Deusto, p. 103-120.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2003) [2004] - Las placas votivas de plata de origen aquitano halladas en Hagenbach (Renania-Palatinado, Alemania). *Aquitania*. Pessac/Bordeaux. 19, p. 25-47.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, J. (2006) - Onomástica vascónica y aquitana: elementos para el conocimiento de la historia antigua de Navarra. In ANDREU, J., ed. - *Navarra en la Antigüedad: propuesta de actualización*. Pamplona: Gobierno de Navarra, p. 111-134.
- GORROTXATEGI NIETO, M. (2007) - Camino 'bide' en la toponimia vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 104, p. 141-160.
- GUÉRIN, P.; SILGO, L. (1996) - Inscripción ibérica sobre plomo de Castellet de Bernabé (Llíria, Valencia). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 6, p. 199-206.
- GUITER, H. (1975) - Onomastique et contacts de langues: exemple des confins pyrénéo-méditerranéens. In DRAYE, H., ed. - *Berichte des XII. Internationalen Kongresses für Namenforschung, Bern, 25.-29. August 1975*. Leuven: Peeters, p. 106-127.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HERNÁNDEZ CANUT Y FERNÁNDEZ ESPAÑA, J. L. (2000) - Las dracmas de la Medusa en el territorio ketano del siglo III a.C. *Gaceta Numismática*. Barcelona. 138, p. 21-31.
- DE HOZ BRAVO, J. (1993) - La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los íberos. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 635-666.
- DE HOZ BRAVO, J. (1995) - Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO, M.<sup>a</sup> P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 317-324.
- DE HOZ BRAVO, J. (2002a) - El complejo sufijal -(e)sken de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 159-168.
- DE HOZ BRAVO, J. (2002b) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 212-219.
- HÜBNER, E. (1899) - Nuevas fuentes para la geografía antigua de España. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 34, p. 465-503.
- IGLESIAS, H. (2002) - Sur le toponyme *Gasteiz*: origine et signification. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 89, p. 129-138.
- IRC III = FABRE, G.; MAYER, M.; RODÀ, I. (1991) - *Inscriptions romaines de Catalogne III. Gérone*. Paris: De Boccard.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1987) - Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE MARTINENA, R., ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 71-156.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1990) - Las hablas vascas de Tierra de Estella y su onomástica. In *De Re Philologica Linguae Vasconicae*, III. Bilbao: Universidad de Deusto, p. 163-192.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1997) - *Opera selecta*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1999) - Toponomástica y antroponimia del dominio lingüístico vascónico. In KREMER, D., ed. - *Onomastik. Akten des 18. Internationalen Kongresses für Namenforschung, Trier, 12. - 17. April 1993. Bd. 4. Personennamen und Ortsnamen*. Tübingen: Niemeyer, p. 212-224.
- JACOB, P. (1986) - À propos des toponymes *Callet*, *Ceret*, *Oset*. *Emerita*. Madrid. 54, p. 275-280.
- KOUZNETSOVA, L. (2007) - Antroponimia medieval privativa de la Península Ibérica. In KREMER, D., ed. - *Onomástica galega. Con especial consideración da situación prerromana*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 135-147.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LUJÁN MARTÍNEZ, E. R. (2005) [2006] - Los topónimos en las inscripciones ibéricas. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 471-489.
- LUJÁN MARTÍNEZ, E. R. (2007) - Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, p. 49-88.
- MARTÍN DE LAS PUEBLAS RODRÍGUEZ, J. (2005) - Sobre la toponimia del valle de Benasque. *Alazet*. Huesca. 17, p. 135-182.
- MICHELENA ELISSALT, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA ELISSALT, L. (1955/1985) - Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 23, p. 265-284 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 357-370].
- MICHELENA ELISSALT, L. (1969/1987) - Notas lingüísticas a "Colección diplomática de Irache". *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 1, p. 1-59 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 87-140].

- MICHELENA ELISSALT, L. (1977<sup>2</sup>) - *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961<sup>1</sup>) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, L. (1997<sup>5</sup>) - *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953<sup>1</sup>). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtke]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, M. (2007) - *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991-2006). Tesis doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías*. Barcelona: Universitat < [http://www.resisenxarxa.net/TESIS\\_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM\\_TESI.pdf](http://www.resisenxarxa.net/TESIS_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM_TESI.pdf) > (consulta de 12/10/07).
- MOZAS MORENO, M.ª de los S. (2007) - Consideraciones sobre las emisiones de *Iltiraka*: procedencia y tipología. In *Actas del XII Congreso Nacional de Numismática, Madrid, 25-26 de octubre de 2004*. Madrid: Real Casa de la Moneda, p. 269-286.
- NIETO BALLESTER, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- OPEL 3 = LÖRINCZ, B. - *Onomasticon provinciarum Europae Latinarum III: Labareus - Pythea*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- ORDUÑA AZNAR, E. (2003) [2004] - Sobre dos posibles topónimos en un plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 137-139.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000) - *Les noms de maisons médiévales en Labourd, Basse-Navarre et Soule*. Baigorri: Izpegi.
- PANOSA DOMINGO, M.ª I. (1999) - *La escritura ibérica en Cataluña y su contexto socioeconómico (siglos V-I a.C.)*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PANOSA DOMINGO, M.ª I. (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 511-540.
- PANOSA DOMINGO, M.ª I. (2002) - Inscripción ibérica procedente de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 333-353.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2001) - **ildif/ildur = oppidum**. Los nombres de lugar y la ciudad en el mundo ibérico. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 21-40.
- PÉREZ OROZCO, S. (2005) - Las consonantes laterales en las lenguas paleohispánicas. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 98, p. 193-201.
- PÉREZ OROZCO, S. (2006) [2007] - Los letreros de las monedas fenopúnicas y libiofenicias de Hispania. *Numisma*. Madrid. 250, p. 165-196.
- PÉREZ OROZCO, S. (2007) - Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, p. 89-117.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la "celtización" del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, A.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; AMANTE, M., eds. - *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad, p. 139-266.
- PETERSON, D. (2005) - *La Sierra de la Demanda en la Edad Media: el valle de San Vicente (ss. VIII-XII)*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- QUINTANILLA NIÑO, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RIPOLLÈS ALEGRE, P. P. (2001) - Una leyenda monetar inédita de *Saitabi. Saguntum*. València. 33, p. 167-170.
- RIPOLLÈS ALEGRE, P. P. (2007) - *Las acuñaciones de la ciudad ibérica de Saitabi*. València: Universitat.
- RIVAS QUINTAS, E. (1991) - *Onomástica persoal do Noroeste hispano*. Lugo: Alvarellos.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002) [2003] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. Girona. 14, p. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004) - *Análisis de epigrafía íbera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2006) - Algunos comentarios a propósito de la inscripción ibérica de Los Allosos. *Arse*. Sagunto. 40, p. 29-45.
- SALABERRI ZARATIEGI, P. (2000) - Acerca del sufijo toponímico *-ain*. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 34, p. 113-137.
- SANMARTÍ GREGO, E. (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonne*. Montpellier. 21, p. 95-113.
- SANTIAGO ÁLVAREZ, R.-A. (1994) - Presencia ibérica en las inscripciones griegas recientemente recuperadas en Ampurias y en Pech Mahó. In *Iberos y Griegos: lecturas desde la diversidad. Simposio internacional celebrado en Ampurias, 3 al 5 de abril de 1991 (Huelva Arqueológica)*. Huelva. 13:2, p. 217-230.

- SAURA RAMI, J. A. (2001) - El macrotopónimo vascónico Grist-Eriste: intento de explicación etimológica y conciliación fonética. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 87, p. 307-316.
- SCHUCHARDT, H. (1909) - Iberische Personennamen. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. Paris. 3:3, p. 237-247.
- SILES RUIZ, J. (1978) - Einheimische Eigennamen auf einem hellenistischen Mosaik aus La Alcudia de Elche (Spanien). *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 13, p. 331-340.
- SILES RUIZ, J. (1981) - Sobre el signo ibérico «Y» y los valores fonéticos que anota: apuntes para una sistematización de las grañas de las nasales en la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 49:1, p. 75-96.
- SILES RUIZ, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILES RUIZ, J. (1986) - Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, p. 17-42.
- SILGO GAUCHE, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 757-767.
- SILGO GAUCHE, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, L. (1998-1999) - Ibérico ilti, iltu y derivados. *Arse*. Sagunto. 32-33, p. 11-45.
- SILGO GAUCHE, L. (2000) - El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, p. 503-521.
- SILGO GAUCHE, L. (2006) - Lengua y escritura. In HERMOSILLA PLA, J., ed. - *Historia de Xàtiva: síntesis*. València: Universitat, p. 174 [texto inserido no capítulo intitulado *Historia de Xàtiva. Edad Antigua*, coordinado por A. Ledo Caballero, p. 165-194.]
- SILGO GAUCHE, L. (2007) - Nuevo estudio sobre el plomo ibérico Ensérune B.1.373. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, p. 147-158.
- SILGO, L.; TOLOSA, A. (2000) - Plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Arse*. Sagunto. 34, p. 39-44.
- SILLIÈRES, P.; MAGALLÓN, M.ª Á.; NAVARRO, M. (1995) - El *municipium Labitulosanum* y sus notables: novedades arqueológicas y epigráficas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 68, p. 107-130.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- SOLIER, Y.; BARBOUTEAU, H. (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 61-94.
- TIR, K/J-31 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco - Baliares. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TOLOSA LEAL, A. (2007) - ¿La palabra “lobo” en ibérico?. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, p. 159-163.
- TOVAR LLORENTE, A. (1974) - *Iberische Landeskunde, II. 1. Baetica*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TOVAR LLORENTE, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- UNTERMANN, J. (1992) - Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica. In *Paleoetnología de la Península Ibérica: Actas de la reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense. Madrid, 13-15 diciembre de 1989*. Madrid: Universidad Complutense [Complutum. Madrid. 2-3, 1992], p. 19-33.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23, p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1996) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, p. 73-85.
- UNTERMANN, J. (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, p. 107-110.
- UNTERMANN, J. (2005) - La lengua ibérica en el País Valenciano. In *Món Ibèric als Països Catalans. XIII Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà (14 i 15 de novembre de 2003). Homenatge a Josep Barberà i Farràs*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 1135-1150.
- UNTERMANN, J. (2007) - Topónimos y apelativos de la lengua lusitano-galaica. In KREMER, D., ed. - *Onomástica galaica. Con especial consideración da situación prerromana*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 57-73.
- VÄÄNÄNEN, V. (1982) - *Introducción al latín vulgar*. Versión española de Manuel Carrión. Madrid: Gredos.
- VELAZA FRÍAS, J. (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, J. (1996) - *Crónica epigráfica Iberica*: hallazgos de inscripciones ibéricas en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989-1994). In VILLAR, F.; ENCARNAÇÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 311-337.
- VELAZA FRÍAS, J. (2004) [2005] - *Crónica epigráfica iberica VI (2003)*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, p. 325-332.

- VELAZA FRÍAS, J. (2005) - Tras las huellas del femenino en ibérico: una hipótesis de trabajo. *Estudios de Lengua y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 7, p. 139-151.
- VELAZA FRÍAS, J. (2006a) [2007a] - Lengua vs. cultura material: el (viejo) problema de la lengua indígena de Catalunya. In BELARTE, M.<sup>a</sup> C.; SANMARTÍ, J., eds. - *De les comunitats locals als estats arcaics: la formació de les societats complexes a la costa del Mediterrani occidental. Homenatge a Miquel Cura. Actes de la III Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell (Calafell, 25 al 27 de novembre de 2004)*. Barcelona: Universitat; Institut Català d'Arqueologia Clàssica, p. 273-280.
- VELAZA FRÍAS, J. (2006b) [2007b] - *Chronica epigraphica ibérica VII (2004-2005)*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, p. 303-327.
- VELAZA FRÍAS, J. (2006c) [2007c] - Tras las huellas del femenino en ibérico: una hipótesis de trabajo. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, p. 247-254.
- VELAZA FRÍAS, J. (2007) - Aspectos en torno a la escritura y la lengua ibérica en el Sureste de la Meseta meridional. In CARRASCO SERRANO, G., ed. - *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, p. 271-284.
- VILAR VILÀ, M.<sup>a</sup> del M. (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, p. 295-299.
- VILLARONGA I GARRIGA, L. (1998) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- VILLARONGA I GARRIGA, L. (2004) - *Numismàtica antiga de la Península Ibèrica*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.